

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

LUAN PAZZINI MENDONÇA

**“QUEM MANDOU MATAR MARIELLE E ANDERSON?” E “QUEM MATOU
MARIELLE? E POR QUÊ?”:
Disputa de sentido na Rede Social Digital Twitter**

**São Leopoldo
2020**

LUAN PAZZINI MENDONÇA

**“QUEM MANDOU MATAR MARIELLE E ANDERSON?” E “QUEM MATOU
MARIELLE? E POR QUÊ?”:**

Disputa de sentido na Rede Social Digital Twitter

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn

São Leopoldo

2020

M539q Mendonça, Luan Pazzini.
“Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “quem matou Marielle? e por quê?": disputa de sentido na rede social digital Twitter / Luan Pazzini Mendonça. – 2020.
126 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2020.
“Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn”.

1. Franco, Marielle, 1979-2018. 2. Twitter (Rede social on-line). 3. Redes sociais on-line – Aspectos políticos – Brasil. I. Título.

CDU 316.7:004.73

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)


LUAN PAZZINI MENDONÇA

**“QUEM MANDOU MATAR MARIELLE E ANDERSON?” E “QUEM MATOU
MARIELLE? E POR QUÊ?”: DISPUTA DE SENTIDOS NA REDE SOCIAL
DIGITAL TWITTER**

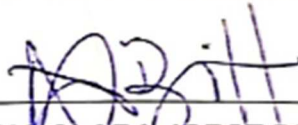
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 16 DE MARÇO DE 2020.

BANCA EXAMINADORA



PROF. DR. FELIPE MOURA DE OLIVEIRA - UFRGS



PROFA. DRA. MARIA CLARA JOBST DE AQUINO BITTENCOURT - UNISINOS



PROF. DR. RONALDO CÉSAR HENN - UNISINOS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A minha mãe, Mercilina Pazzini Mendonça.
O sonho se tornou realidade e a vitória é
nossa.

AGRADECIMENTOS

Leitura é, para a minha escritora e jornalista favorita, Eliane Brum, uma possibilidade de ser muitas coisas, de não ficar presa em seu próprio corpo. E foi lendo que eu aprendi que poderia ser homem, mulher, fada, planta, alienígena, uma ou um personagem de um filme ou novela. Nesta curta e intensa caminhada que foi o mestrado, muitas foram as pessoas que partilharam saberes e bem-querer-bem, e que constituem, hoje, o meu eu. Agradecerei aqui, por meio de palavras, essas pessoas que me estenderam a mão durante o processo construtivo dessa dissertação.

A primeira pessoa de todas é ela, minha avó, Maria Etelvina Pazzini Mendonça, que me deixou em 2014, quando ainda cursava Jornalismo na Unisinos. Minha avó fez das minhas lutas e sonhos os seus objetivos. Obrigado por me incentivar e nunca me deixar desistir. A dor deu lugar à saudade. Gratidão eterna, Vó Vina!

A minha mãe Mercilina, pela educação, carinho e amor incondicional. Que abraçou mais esse sonho comigo – somos Mestre em Comunicação! Que nunca me deixou faltar o essencial, o amor. Que sempre me incentivou a estudar e que, mesmo após eu ter saído de sua casa para construir minha família, permaneceu nos ajudando. Mãe, eu te amo. Ao meu pai do coração Cercibio, pelo companheirismo e apoio. Sem vocês, nada sou.

A minha madrinha e segunda mãe, Zaida, pelas palavras de incentivo e amor. Pelos abraços apertados e por nunca me deixar esquecer que “barriga pra frente e bunda pra trás e vamos à luta” é uma frase motivacional. A minha irmã de coração Cibila, presente dos Orixás, pelos abraços apertados, histórias contadas e passeios; por me amar incondicionalmente. Obrigado por sempre acreditar em mim. Sem vocês eu nada sou.

Meu companheiro de vida vivida e melhor amigo, Eliézer, meu porto seguro para muitos aspectos da minha vida. Por aguentar as minhas oscilações de humor e ficar até tarde acordado. Por me incentivar e me escutar. Por não me deixar desistir. Por me alimentar. Por me fazer ser uma pessoa melhor todos os dias. Por mostrar que lutar e sonhar contigo foi, é e sempre será lindo.

Ao meu amor maior. Aquele que me incentiva a acordar todos os dias. O teu sorriso, cheiro e abraço, pequeno Rafael Pazzini Bittencourt, me dá forças para seguir. Papai te ama.

A minha irmã, Thais Mendonça, grande incentivadora nesta e em outras caminhadas. Teus abraços e palavras de apoio, foram e continuarão sendo essenciais em minha vida. Obrigado pelo lindo presente que foi a Maria Luisa, minha inspiração em muitos momentos.

Ao meu orientador, Ronaldo Henn, que sempre buscou me mostrar que é possível superar as adversidades e enfrentar os medos. Pelo respeito e paciência com meu processo de aprendizagem e produção deste trabalho. Obrigado, Ronaldo.

À Maria Clara e Rafael Grohmann, pelo incentivo e pela inspiração, disposição e pelas contribuições na banca de qualificação.

Aos meus amigos Renata, Joseane, Jonas, Vinicius e Sissa pelas palavras de apoio e carinho.

Agradeço a Nathalia Mendes, minha parceira. Pelo incentivo e pelo ombro amigo. Às amigas Lais e Yngrid, minhas parceiras de vida vivida, estaremos juntos para sempre.

Precisei, durante os dois anos de desenvolvimento dessa pesquisa, de muita coragem para enfrentar as muitas dúvidas e tensões que me consumiam. Nestes momentos, contei com o apoio da Ana Ávila, minha parceira de pesquisa. Gratidão pelas trocas e pelo incentivo.

Aos meus colegas da turma de 2018, Isadora Mejía, Evillin Veras, Vivian Jorge, Madylene Barata, Renata Cardoso e a todas as pessoas que contribuíram com a minha pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo mapear, analisar e entender quais sentidos foram gerados, a partir dos comentários dos usuários nas perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?”, feitas pela jornalista Eliane Brum, em sua conta na Rede Social Digital Twitter. Neste trabalho, buscaremos entender os sentidos gerados num contexto de uma Rede Social Digital. Os dias coletados foram: 08 (25 dias), 09 (26 dias) 10 (27 dias), 11 (28 dias), 12 (29 dias) e 13 (30 dias) de abril de 2018, e dia 12 (364) de março de 2019. A disputa de sentidos advinda dos comentários foram analisados via Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais que permitem diferentes formas de abordagem e acionam um processo de produção de sentido, por meio dos comentários feitos pelos leitores que geram o que entendemos como semiose. Foram identificadas 10 categorias, que dispostas no campo problemático, geraram tensionamentos diversos referente ao assassinato de Marielle Franco. Conceitos oriundos dos processos de acontecimentos em rede, das dinâmicas presentes nas plataformas de redes sociais e dos marcadores sociais da diferença contribuíram para as análises desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: Marielle Franco; Disputa de Sentidos; Marcadores da diferença; redes sociais digitais.

ABSTRACT

This research aims to map, analyze and understand what meanings were generated, based on user comments on the questions “Who ordered Marielle and Anderson to be killed?” And “Who killed Marielle? It's because?”, Made by journalist Eliane Brum, on her Social Media Twitter account. In this work, we will try to understand the meanings generated in the context of a digital social network. The days collected were: 08 (25 days), 09 (26 days) 10 (27 days), 11 (28 days), 12 (29 days) and 13 (30 days) of April 2018 and 12 (364) of March 2019. The dispute of meanings resulting from the comments was analyzed through the Analysis of Construction of Senses in Digital Networks, which allows different forms of approach and triggers a process of production of meaning, through the comments made by the readers that generate what we understand like semiosis. Ten categories were identified, arranged in the problematic field, which generated different tensions in relation to the murder of Marielle Franco. Concepts derived from the processes of network events, the dynamics present in the social media platforms and the social markers of the difference contributed to the analyzes developed.

KEY-WORDS: Marielle Franco; Dispute of Senses; Difference markers; digital social networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Somos todos ACARI #Vidasnasfavelasimportam	17
Figura 2 - Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe	18
Figura 3– Bandido bom é bandido morto!	18
Figura 4– Desembargadora reproduz notícia falsa sobre Marielle	22
Figura 5 – Comentário Deputado Federal sobre Marielle.....	22
Figura 6– 10 Redes Sociais mais acessadas no Brasil.....	29
Figura 7– Página inicial Twitter	38
Figura 8– Perfil Janis Krums	45
Figura 9– A criminalização dos bailes funk.	51
Figura 10– Como sobreviver ao gatilho da polícia do Rio de Janeiro	51
Figura 11– Segunda mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	56
Figura 12– Negros são maioria nas universidades públicas no Brasil	56
Figura 13– Ato em homenagem a Marielle Franco	69
Figura 14 – Ato em homenagem a Marielle Franco	70
Figura 15 – Sementes de Marielle Franco	93
Figura 16 - Florescer por Marielle	93
Figura 17– Sementes de Marielle Franco	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Notícias veiculadas no site do El País Brasil.....	52
Tabela 2 - Categorização dos comentários.....	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 TEMA	18
1.2 JUSTIFICATIVA	20
1.3 PROBLEMA	24
1.4 OBJETIVOS	24
1.4.1 OBJETIVO GERAL	24
1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	24
2 PLATAFORMAS DIGITAIS	27
2.1 REDES SOCIAIS COMO PLATAFORMAS	27
2.1.1 CONVERSAÇÃO EM REDE	34
2.2 REDE SOCIAL DIGITAL TWITTER	37
2.3 TWITTER E JORNALISMO	41
3 VIOLÊNCIA, RAÇA E INTERSECCIONALIDADE	48
3.1 VIOLÊNCIA, CORPOS NEGROS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	49
3.2 INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMO NEGRO	60
4 CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS COMENTÁRIOS DO TWITTER	68
4.1 PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS COMO PROTAGONISTA NO CASO MARIELLE FRANCO	68
4.2 PROCESSOS METODOLÓGICOS	71
4.3 CATEGORIZAÇÃO DE INTERAÇÕES	73
4.4 CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS INTERAÇÕES	74
4.4.1 Bolsominion	74
4.4.2 Comoção	76
4.4.3 Deslegitimação / Contraponto com outros crimes	77
4.4.4 Incredulidade	80
4.4.5 Indagação	81
4.4.6 Ironia	83
4.4.7 Ironia reacionária	84
4.4.8 Milícia	85
4.4.9 Ofensa à jornalista	87
4.4.10 Suposição	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91

REFERÊNCIAS.....	97
APENDICE A – QUADRI 1 – 08 DE ABRIL DE 2018 – 25 DIAS	103
APENDICE B – QUADRO 2 – 09 DE ABRIL DE 2018 – 26 DIAS	108
APENDICE C – QUADRO 3 – 10 DE ABRIL DE 2018 – 27 DIAS	111
APENDICE D – QUADRO 4 – 11 DE ABRIL DE 2018 – 28 DIAS	112
APENDICE E – QUADRO 5 – 12 DE ABRIL DE 2018 – 29 DIAS	114
APENDICE F – QUADRO 6 – 13 DE ABRIL DE 2018 – 30 DIAS.....	116
APENDICE G – QUADRO 7 – 12 MARÇO DE 2019018 – 30 DIAS	118

1 INTRODUÇÃO

Marielle Francisco da Silva, mais conhecida como Marielle Franco, virou símbolo de resistência. Uma mulher bissexual, negra, nascida e criada no complexo da Maré, eleita vereadora em 2016 para o mandato de 2017 a 2020. Executada na região central do Rio de Janeiro no dia 14 de março de 2018¹, junto com seu motorista, Anderson Gomes.

Anderson Pedro Gomes morreu enquanto trabalhava. Nascido e criado na Fazendinha, favela do Complexo do Alemão, morava com a esposa e com a filha de 1 ano no bairro de Inhaúma, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Na cidade, ele era motorista particular e também trabalhava pelo aplicativo de corrida Uber. Seu nome tornou-se, junto ao de Marielle, símbolo da luta por justiça e pelo fim da violência contra a população pobre e periférica.

A vereadora Marielle também trabalhou como vendedora ambulante e educadora infantil em uma creche da comunidade da Maré. Sua militância iniciou no ano 2000, após ingressar no curso pré-vestibular comunitário, oferecido na Maré. Após dois anos de estudo, em 2002, ingressou com bolsa integral, obtida por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI), no curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).

Em 2014, como requisito para o título de mestre em Administração pela Universidade Federal Fluminense (UFF), apresentou a dissertação intitulada “UPP – a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro”. Em sua dissertação, Marielle Franco (2014) denunciava o abuso de autoridade exercido na Maré.

Em maio de 2013, o BOPE e o Batalhão de Choque realizaram uma operação para combater o tráfico na favela, marcada com violência e por invasões de casas e destruição de pertences, o que revelou uma enorme insegurança em toda favela. (FRANCO, 2014, p.96).

¹ Segundo o site G1 Rio de Janeiro, a execução da vereadora aconteceu por volta das 21h30 no bairro do Estácio, localizado na Região Central do Rio de Janeiro. Treze tiros foram disparados contra o carro em que a vereadora se encontrava, sendo ela atingida por quatro deles. O motorista do veículo, Anderson Pedro Gomes, também foi baleado e morreu. A assessora da vereadora foi atingida por estilhaços e encaminhada ao hospital para, em seguida, prestar depoimento. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>>. Acesso em: 07 julh. 2019.

Sua posição política era de resistência. Lutava pelo reconhecimento da igualdade dos povos nas favelas. Em outras palavras, Marielle (Ribeiro 2017, p.58) exercia o seu protagonismo, quebrando visões dominantes na “tentativa de analisar discursos diversos a partir da localização de grupos distintos e, mais, a partir das condições de construção do grupo no qual funciona.”

No pleito eleitoral de 2006, Franco trabalhou na equipe que elegeu Marcelo Freixo à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Com a posse do Deputado Estadual, foi nomeada assessora parlamentar de Freixo, onde permaneceu trabalhando por dez anos.

Em 2016, em sua primeira disputa eleitoral, Franco se elegeu, sendo a quinta vereadora mais votada nas eleições para a cidade do Rio de Janeiro, com 46,5 mil votos. Em 14 meses de mandato, apresentou 13 projetos voltados para a defesa das mulheres.

Após ser eleita, foi nomeada relatora da Comissão dos Vereadores que fiscaliza a intervenção militar no Estado carioca, diante da qual não se mostrava favorável e sempre se posicionava diante dos avanços violentos contra os moradores. Foi um mandato marcado ativamente pela comunidade que, tanto se mostrava favorável à trajetória da vereadora, quanto depositava nela a confiança de fazer a favela ser ouvida. Franco foi uma das 32 mulheres negras eleitas vereadoras nas capitais brasileiras em 2016, 3,9%, de um total de 811 vereadores eleitos nas capitais do país.

Marielle passou a compor parte de um número extremamente pequeno dentro do espaço legislativo, ao considerarmos o déficit sofrido pela falta de representação do povo negro, que forma mais da metade da população brasileira. Marielle ocupava um lugar dado, historicamente, para poucos.

Para Marielle, existir era um ato político. Talvez o assassinato da vereadora não tenha sido movido apenas pelo ódio, mas não se pode retirar o ingrediente “ódio” de seu assassinato. Uma mulher assumidamente bissexual, oriunda da favela, defensora dos direitos humanos², Marielle era atravessada por todos os tipos de opressão, criados por um sistema machista e racista.

2 Segundo o preâmbulo da Declaração Universal dos direitos Humanos: A ASSEMBLÉIA GERAL proclama A PRESENTE DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se

Marielle, mulher feminista, ao assumir uma vaga no parlamento, não estava mais à margem ou relegada aos guetos. Durante o seu mandato, sofria embates que a levavam a não se calar diante da violência contra moradores da favela. Criada na favela, a parlamentar sabia a forma de atuação da polícia.

Figura 1 – Somos todos ACARI #Vidasnasfavelasimportam



Fonte: Facebook oficial Marielle Franco.

Duas semanas antes de ser assassinada, a vereadora havia assumido a relatoria da Comissão da Câmara de Vereadores do Rio, criada para acompanhar a intervenção federal na segurança pública do Estado. Na ocasião, ela se posicionava publicamente contra a medida. Além disso, Marielle também denunciava o assassinato de jovens de periferia. Um dia antes de ser executada, em sua conta pessoal no Twitter, a vereadora lamentou a morte de um jovem chamado Matheus Melo, sugerindo que o crime poderia ter sido cometido por policiais militares do Rio de Janeiro.

esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição (ONU, 1948).

Figura 2 - Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe



Fonte: Twitter Marielle Franco.

Para muitos a vereadora “defendia bandido.”

Figura 3– Bandido bom é bandido morto!



Fonte: Dados coletados pelo autor

1.1 TEMA

Marielle lutava pela igualdade no acesso à educação e a cultura dos povos da favela. Participava de movimentos que eram contra as ações violentas da polícia nas favelas. Reivindicava seu lugar de fala. Kilomba, no texto intitulado *Who Can Speak*, traduzido para o português por Quiangala, a autora analisa a prática de debates em sala de aula.

Todo semestre, no primeiro dia do meu curso, direciono algumas questões à turma. Primeiro nós contamos quantas pessoas temos na sala para ver quantas serão capazes de responder. Quando eu começo a fazer questionamentos simples como: o que foi a conferência de Berlim em 1884–5? Quais países africanos foram colonizados pela Alemanha? A colonização alemã no continente africano durou quanto tempo, no fim das contas? Então concluo com questionamentos mais específicos, tais como: quem foi a rainha Nzinga? Quem escreveu Peles negras, máscaras brancas? Ou: quem foi May Ayim?.

Não surpreende que a maioria das/os estudantes brancas/os não consigam responder às questões, enquanto estudantes negras/os respondem corretamente a maioria delas. Repentinamente, aqueles cujo conhecimento tem sido escondido se tornam visíveis, enquanto aqueles que são sempre visíveis se tornam invisíveis. Aqueles que costumam se calar começam a falar, enquanto aqueles que sempre falam se tornam silentes. Silentes não porque não são capazes de articular suas vozes ou idiomas, mas, pra além disso: eles não possuem aquele conhecimento. Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê? (KILOMBA, *Who Can Espak*, tradução livre do texto originalmente publicado em inglês na página oficial da autora. (Excerto do livro: 'Plantation Memories').).

Durante o texto Kilomba (2010) retrata sobre sua trajetória depois que passou a incluir temas referentes a poder e autoridade racial, e como os movimentos de tomada de espaço e enfrentamento de barreiras, muitas vezes impostas por aqueles que confundem conhecimento com a vivência sobre o tema, usando a sua vivência para enfraquecer o lugar de fala do outro. Djamila Ribeiro, em entrevista publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo, em dezembro de 2017 explica como ela define o que é lugar de fala.

É pensar, sobretudo, quem foi autorizado a falar numa sociedade racista, machista. É só a gente começar a olhar as próprias produções bibliográficas dos nossos cursos, é só a gente começar a olhar quem são, numa redação, jornalistas. A gente não faz parte dos mesmos lugares de direito à fala. As pessoas gostam de dizer que tem que dialogar, mas como dialogar se um está no topo e o outro está na base? O outro sequer é ouvido, né? Então a gente falar de lugares de fala é pensar as hierarquias que estão postas na sociedade que autoriza que determinados sujeitos falem, ao passo que outros ficam invisíveis (Entrevista é de Sonia Racy, publicada por O Estado de S. Paulo, 18-12-2017).

A entrevista leva o título de uma frase de Djamila Ribeiro retirada da entrevista. “Ser negra aqui é ser estrangeira no próprio país.” Kilomba, no artigo intitulado *A Máscara* (2010), traduzido por de Jesus (2014) fala sobre a máscara do silenciamento.

Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/ as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura. (KILOMBA, 2010, p.172) Tradução livre (De Jesus, 2014).

Para Teixeira (2019), a atuação de Marielle era interseccional, pois seu ativismo negro, feminino e lésbico sem fragmentação era e continua sendo a afirmação de que um sujeito, apesar de suas vulnerabilidades diversas, pode se colocar no mundo de maneira integral e, por conta disso, empoderar-se. Para o autor, a morte de Marielle a fez mais viva, tornando mais vivos também os debates em torno das injustiças sociais. Para Teixeira (2019) as vulnerabilidades são

[...] socialmente produzidas na mesma proporção que são produzidas as desigualdades materiais e sociais, desde as necessidades mais básicas como alimentação e habitação, essenciais para manter o corpo saudável e protegido. O sujeito que não come ou que mora na rua está mais suscetível do que outros que não experimentam as mesmas condições. (TEIXEIRA, 2019, p.149).

Todas as informações levantadas até aqui sugerem que a parlamentar foi executada por motivações políticas. E, apesar da identificação dos prováveis executores, até o momento de conclusivo dessa dissertação, quase dois anos depois do acontecimento, o crime ainda não foi elucidado.

1.2 JUSTIFICATIVA

Sou afetado quando um semelhante é afetado. Ubuntu! Sou negro, pobre e homossexual, como Marielle. Ela ocupava espaços que há muito tempo – e até hoje – são negados às populações periféricas.

Diferentemente da Vereadora que, desde o seu nascimento, viveu na periferia, eu vivi num bairro de classe média, localizado na cidade de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre. De família humilde, filho de mãe solteira – que, para sustentar a família, saía de casa antes do sol nascer e retornava

tão tarde que muitas vezes eu já estava dormindo. Criado com a ajuda da avó e de uma tia, assisti casas enormes crescerem ao redor da minha - que era de madeira e quase toda comida por cupim - pintada de azul que, com o tempo, perdeu a cor e eu nunca soube o tom original. As janelas eram brancas, e foi escorado nelas que muitas vezes vi meus amigos irem ao cinema e passear nos parques com seus pais nos finais de semana. O bairro cresceu, se desenvolveu, mas nossa situação financeira não.

Vivi anos buscando me encontrar em corpos que não me encontravam. Além de ser negro e pobre, me descobri homossexual. Ocupava o lugar da maioria, mas era a minoria. Acredito que todas as características citadas acima, me aproximam do caso.

O assassinato de Marielle Franco emergiu nas redes sociais. No Twitter, a repercussão foi mundial, pautando veículos de comunicação como El País, The Guardian e Estadão. A rede abrigou o debate sobre as motivações para o assassinato da parlamentar que se tornaram objeto de disputas de sentidos, especialmente entre: os usuários viam Marielle apenas como mais uma vítima da violência local e os que deduziam ser perseguição política a uma ativista dos Direitos Humanos. Entendo como sentido o que Henn; Oliveira (2015, p.85) definem como “um espaço de disputa de sentidos entre os diferentes sistemas que se dedicam a interpretar o mundo conforme diferentes repertórios e interesses: o sistema social propriamente dito, o sistema capital/mercado, o sistema político...”

Diversas informações sobre as trajetórias política e pessoal da vereadora foram veiculadas por meio das plataformas de redes sociais. Notícias sem checagem e fonte segura sobre uma possível conexão da vereadora com o crime organizado, sobre a suposição de uso de drogas e de ela ter engravidado na adolescência foram compartilhadas. A veiculação dessas notícias falsas foi reproduzida por figuras públicas como a da desembargadora Marília Castro Neves, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), que afirmou em sua conta no facebook que Marielle Franco estava “engajada com bandidos”. Em entrevista concedida à jornalista Mônica Bergamo, na Folha de São Paulo, Marília revelou não conhecer a vereadora até saber de sua morte e “que postou informações que leu no texto de uma

amiga”. Ela criticou o que chamou de “politização” do assassinato. “Outro dia uma médica morreu na Linha Amarela e não houve essa comoção. E ela também lutava, trabalhava, salvava vidas.””

Figura 4– Desembargadora reproduz notícia falsa sobre Marielle



Fonte: Reprodução Facebook.

Outra figura pública a compartilhar uma notícia falsa foi o deputado federal eleito pelo Distrito Federal, Alberto Fraga, que compartilhou também em suas redes sociais algumas informações como, por exemplo, a de que Marielle Franco estaria envolvida com o tráfico de drogas e que o pai de sua filha era o traficante Marcinho VP, e que também teria sido eleita pelo Comando Vermelho. Além disso, Fraga disse que Marielle havia sido assassinada pela Polícia Militar. Após discutir com alguns internautas, ele apagou suas redes sociais e pediu desculpas alegando que deveria ter conferido as informações antes de publicá-las.

Figura 5 – Comentário Deputado Federal sobre Marielle



Fonte: Reprodução Twitter.

No TEDxPortoAlegre 2018³, realizado no dia 23 de março, na Fundação Iberê Camargo, a jornalista Eliane Brum afirmou que no Brasil a crise não é apenas econômica e política. Para Eliane Brum, chegamos a um ponto em que as palavras perderam significado, perderam efeito. Vivemos uma crise de palavra.

No sentido de que o movimento das palavras está interdito, como cartas enviadas que não chegam ao seu destinatário. Em parte isso se deve ao fato de que o absurdo tece o cotidiano, como a realidade brasileira não se cansa de provar. E o absurdo se alarga um pouco mais a cada dia. O que se chama de realidade objetiva tornou-se uma vivência do inconcebível. (BRUM, 2018, s/p.).

Em 26 de março, no primeiro parágrafo da coluna “Marielle Franco: Como enfrentar o sangue dos dias”, Eliane Brum afirmou estarmos vivendo um momento de brutalidade extrema no Brasil e que estamos mergulhados na “crise de palavra.”

Desde que Marielle Franco foi assassinada, a situação se corrói de forma acelerada no Brasil. A realidade cotidiana do país é barbárie para as populações das periferias - as urbanas, as do campo e as da floresta - há muito. Nos últimos anos o tecido dos dias se esgarçou ainda mais. O agora é um cotidiano de mortos, ameaçados de morte, prisões forjadas, atentado a tiros. E mais ameaças. Como os dias se tornam mais graves, o momento é exigente para quem vive no Brasil. Diante do sangue das horas, como cada um vai se posicionar? (BRUM, 2018).

Em 30 de março de 2018, dezesseis dias após o assassinato da parlamentar, a jornalista Eliane Brum, em sua conta particular na Rede Social Digital Twitter, iniciou uma contagem dos dias em que o caso do assassinato da vereadora está sem solução.

É no sentido “da crise de palavra”, que cada comentário realizado nos questionamentos “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?” feito pela jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum, no Twitter, podem gerar uma disputa de sentidos. A execução da vereadora abre um campo problemático de tensão, com diversas reverberações e que, só na área da Comunicação, pode ter diversas entradas.

³ TEDx é uma evento sem fins lucrativos dedicado ao lema “ideias que merecem ser compartilhadas”. Disponível em: <<https://www.ted.com/tedx/events/23406>>, acesso em: Jun.2019

O objeto desta pesquisa serão as reações geradas no Twitter, a partir das perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?”. Os comentários dos usuários nas postagens realizadas pela jornalista na plataforma apresentam sentidos diversos, que nos levam ao seguinte questionamento.

1.3 PROBLEMA

- Quais sentidos foram gerados, a partir dos comentários dos usuários nas perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?” - feita pela jornalista Eliane Brum, em sua conta na Rede Social Digital Twitter.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar e analisar os sentidos gerados a partir das postagens da jornalista Eliane Brum no Twitter, por meio das perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?”, e compreender os processos de reverberação de acontecimentos nesse ambiente.

1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender quais sentidos foram gerados a partir dos comentários feitos no Twitter.
- Mapear e categorizar os comentários dos usuários em blocos e desenvolver análises a partir dessa operação.
- Analisar como as questões de marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade estão presentes nos comentários dos usuários da rede social.

Para a análise foram escolhidas as reações geradas a partir das perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?”.

A coleta do material foi dividida em três etapas. A primeira, consistiu na escolha dos dias e comentários analisados⁴. Foi escolhida uma semana do mês de abril de 2018, dias 08 (25 dias), 09 (26 dias) 10 (27 dias), 11 (28 dias), 12 (29 dias) e 13 (30 dias⁵) de abril de 2018 e o primeiro dia após o anúncio dos nomes dos acusados pela morte da Vereadora Marielle Franco, no dia 12 (364) de março de 2019.

A segunda parte foi realizar a coleta dos comentários utilizando a *Nimbus Screenshot*, extensão disponível para usuário do Google Chrome, Mozilla e Firefox, que permite fazer a captura de tela de páginas da web (screenshot). Com ela, o usuário pode capturar uma parte ou a página web inteira, editar imagens e até salvá-las localmente ou no Google Drive.

A terceira parte foi classificar os comentários dos usuários e categorizá-los. É importante destacar que a jornalista não interage com usuários após os comentários.

No segundo capítulo teórico, abordaremos a plataforma digital que se refere às redes sociais na internet, pois, ao contrário das ruas, onde as pessoas se uniram para se manifestar contra a barbárie da execução e cobrar investigações das autoridades competentes, o Twitter, rede social em que o acontecimento analisado eclode, foi utilizado para manifestar apoio, mas também para difusão massiva de informações falsas.

No terceiro capítulo, abordaremos a violência, raça e interseccionalidade como marcadores das desigualdades que separam os negros dos espaços de poder. As relações raciais no Brasil, principalmente as que envolvem ações policiais e a população negra, são objeto de discussão em diversos setores da sociedade. Elas aparecem também no meio acadêmico, na mídia e na política. Nos debates, existe um consenso quanto à existência das desigualdades

4 É importante destacar que os comentários foram transcritos conforme a linguagem dos perfis, o que resulta, ocasionalmente, em erros gramaticais em relação à norma culta da língua portuguesa.

5 A contagem feita pela jornalista Eliane Brum em sua conta no Twitter aparece entre parenteses. Por exemplo: 08 (25). O número 25 se refere a contagem da jornalista.

sociais, e a busca por soluções para tentar diminuí-las, mesmo depois da abolição da escravatura, é frequente.

No quarto capítulo, apresentaremos como se deu a construção de sentidos nos comentários do Twitter. Apresentaremos alguns conceitos que comprovam que as plataformas de redes sociais foram as grandes protagonistas na reverberação de informações referentes ao assassinato da vereadora Marielle Franco. Serão apresentados também os processos metodológicos, as categorizações, classificações e análise das interações.

E, por fim, no quinto capítulo, apresentaremos as considerações finais.

2 PLATAFORMAS DIGITAIS

Neste trabalho, abordaremos a plataforma digital que se refere às redes sociais na internet, pois, ao contrário das ruas, onde as pessoas se uniram para se manifestar contra a barbárie da execução e cobrar investigações das autoridades competentes, o Twitter, rede social em que o acontecimento analisado eclode, foi utilizado para manifestar apoio, mas também para difusão massiva de informações falsas. Por conta disso, precisamos entender a lógica que se propõe.

Sem deixarmos de atender aos objetivos propostos, para tentarmos responder o problema de pesquisa, que é identificar quais sentidos foram gerados a partir dos comentários dos usuários nas perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?”, feitas pela jornalista Eliane Brum, em sua conta na rede social Twitter, se faz necessário abordar conceitos relacionados à conversação em rede. Observamos que os comentários dos usuários nas postagens geram possibilidades de infinitas conversações.

2.1 REDES SOCIAIS COMO PLATAFORMAS

De maneira cíclica, a sociedade (SAFKO; BRAKE, 2010) vem passando por diversas revoluções em seu modo de vida, devido a avanços tecnológicos. Fator que ocorre mais uma vez nos últimos anos devido ao desenvolvimento de diversas inovações tecnológicas nos meios de processamento e difusão da informação.

Esse processo teve início com a invenção dos primeiros computadores em 1954. No entanto, o início da popularização do uso pessoal dos computadores veio a ocorrer décadas mais tarde, tendo como base diversas invenções que trouxeram utilidades novas, passando a facilitar o uso dessa tecnologia.

A comunicação por meio de redes de contatos não é novidade, tampouco uma tendência trazida pelo avanço da tecnologia. Antigamente, ao se encontrarem, as pessoas comentavam e compartilhavam o que haviam lido no jornal, ouvido numa novela ou noticiário. A conversa quase sempre levava a

outros assuntos sobre a vida, ou sobre as condições climáticas, por exemplo. Assuntos diversos eram discutidos. Safko; Brake (2010, p.29) consideram as redes sociais como “um grupo de pessoas de pensamento parecido que se reúnem em um lugar comum para partilhar pensamentos, ideias e informações sobre si próprios.”

Conforme Fleury; Ouverney (2011), não existe um consenso entre os estudiosos em relação ao conceito de redes, contudo compartilham da ideia de que são um conjunto de relações relativamente estáveis que conectam múltiplos atores com interesses comuns e que partilham recursos para persegui-los, na compreensão de que é pela cooperação que se alcançam as metas. Para Recuero (2014), uma das características fundamentais dessa definição de redes é a sua abertura, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes, não sendo necessário, nesse sentido, estar conectado à internet para fazer parte de uma. Conforme Recuero (2009), os estudos direcionados às redes sociais não são novos. Desde séculos passados, cientistas se focaram nos estudos desses fenômenos, ainda que de forma cartesiana.

A metáfora da rede foi utilizada pela primeira vez como uma semente de uma abordagem científica pelo matemático Leonard Euler (Buchanan, 2002; Barabási, 2003 e Watts, 2003 e 1999). Euler, considerado um dos grandes gênios de sua época, em 1736, publicou um artigo sobre o enigma das Pontes de Königsberg. Königsberg era uma cidade prussiana, localizada, como muitas de sua época em meio a ilhas no centro do rio Pregolya. A cidade continha ao todo sete pontes, e folcloricamente conta-se que, na época, era uma diversão para seus habitantes tentar resolver o problema de atravessar a cidade através de sete pontes, cruzando cada uma apenas uma vez. (RECUERO, 2009, p.18)

Paralelamente ao crescimento da internet, percebe-se também o crescente número de novas plataformas digitais criadas para interação entre seus usuários. Entre elas destacam-se: Facebook, Instagram e Twitter⁶.

⁶ RIBEIRO; Carolina. Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>>. Acesso em 10 nov. 2019.

Figura 6– 10 Redes Sociais mais acessadas no Brasil.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Para Dos Santos; Cypriano (2014, p.10), essas redes sociais digitais possibilitam trocas de informações diversas, como falar sobre interesses pessoais, produtos e marcas. “Para além dos malefícios da concentração econômica, essas plataformas criam novas hierarquias e problemas sobre: comunicação de interesse público; interpretações da sociedade; acesso a tecnologias; representações de grupos minorizados.”

A necessidade de estar conectado em rede foi o que levou muitos usuários para a web⁷. Segundo a autora José Van Dijck (2013), em uma década, emergiram de forma abrupta novas infraestruturas para sociabilidade online, o que acabou influenciando o campo da sociedade: a comunicação via plataformas digitais. Os autores Parker; Alstyn; Choudary (2016) afirmam que

⁷ Significa um sistema de informações ligadas por meio da ligação de textos, vídeos, sons e outras animações digitais, que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdos através da internet.

as plataformas digitais utilizam a tecnologia para conectar pessoas, organizações e recursos diversos em um ecossistema interativo, no qual podem ser criadas e trocadas diversas informações. Para eles, a plataforma digital deve oferecer uma estrutura capaz de viabilizar interações, trocas de bens, “moedas sociais”, ou serviços, onde o produto seja a geração de valor entre consumidores externos e produtores de conteúdos.

Quase todo setor de atividade em que as informações são ingrediente importante, candidata-se à Revolução da Plataforma. Incluem-se aí empresas cujo “produto” é constituído por informações (como educação e mídia), assim como qualquer outra que extraia valor do acesso a informações sobre necessidades de clientes, flutuação de preços, oferta e procura de tendências de mercado. (PARKER, ALSTYNE, CHOUDARY, 2016, p.12)

Conforme Van Dijck (2013), a invenção da “World Wide Web”, em 1991, impulsionou o surgimento de comunidades e aplicativos para a web. Porém, foi com o surgimento de empresas como Amazon e Google, na Web 1.0⁸, que o “comunismo.com” passou a ser substituído pelo comercialismo.com (VAN DIJCK, p.10, 2013). No início dos anos 2000, com o crescimento constante da Web 2.0⁹ e das plataformas de Redes Sociais Digitais, esses movimentos voltaram a crescer. Plataformas como o Twitter prometiam fazer a cultura mais participativa, colaborativa e focada nos usuários.

Plataformas, em uma de suas definições, utilizam atores (pessoas e organizações e recursos) que permitem e estimulam interações do lado da demanda e do lado da oferta, criando e trocando grandes quantidades de valores (PARKER, ALSTYNE, CHOUDARY, 2016, p.23). As plataformas têm, como objetivo, “consumar o contato entre usuários e facilitar a troca de bens, serviços ou 'moedas sociais', propiciando, assim, a criação de valor para todos os participantes.”

Até meados de 2006, alguns teóricos afirmavam que a Web 2.0 realçava a necessidade dos seres humanos de estar conectados em rede. Jenkins (2006), no texto intitulado “Cultura da Convergência”, defendia que produtores e consumidores de conteúdos se relacionariam de formas imprevisíveis. Para

⁸ Definido como um site estático e sem nenhuma forma de interatividade com os leitores.

⁹ Considerada a segunda geração de serviços on-line, que Primo (2007, p.2) define como “ publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”.

Van Dijck (2013), um grande marco nos estudos de colaboração nas redes pode ter acontecido em 2006, quando a revista americana “Time” selecionou “Você” no prêmio Personalidade do Ano, ligando o poder da comunidade e da colaboração individual das pessoas como central no que a autora chama de “novo momento da sociedade”. Para Van Dijck (2013), o espírito idealista da época ecoou, incentivando o surgimento de novas formas de se comunicar, com o objetivo de beneficiar o “bem comum”, como Twitter, cuja a missão é fazer a web ser mais social.

A “cultura participativa” defendida por Van Dijck (2013) como palavra-chave da ferramenta de Web 2.0, deve, na verdade, ser entendida como uma “cultura da conectividade”, em que os estudos de um determinado fenômeno oriundo das Redes Sociais Digitais oferecem grandes desafios aos modelos existentes de pesquisa (STEFFENS, 2018), visto que eles separam a interação entre usuário e tecnologia da estrutura socioeconômica organizacional, quando, na verdade, o entrelaçamento íntimo de ambos os níveis é explicado da seguinte maneira.

Assim como a dinâmica entre microssistemas e ecossistema, é difícil de ser identificado em uma única teoria ou estrutura analítica. Isso porque as relações, conteúdos e conexões mediados pelas plataformas de mídias sociais, como Twitter, YouTube ou Facebook, não estão isentos de processos de manipulação, controle e governança, uma vez que esses são ambientes programáveis que têm se tornado cada vez mais corporativos e com fins lucrativos. (STEFFENS, 2018, p.50)

Para Van Dijck (2013), o entendimento de “comunicação em rede” deve ser substituído por “sociabilidade em plataforma”, e destaca que a noção de “cultura participativa”, utilizada em estudos referente a Web 2.0, deve ser entendida como “cultura da conectividade”, que estuda as influências da estrutura das redes sociais na formação de memórias e identidades. A autora explica que os estudos relacionados às Redes Sociais Digitais oferecem um grande desafio aos modelos de pesquisa existentes, pois elas tendem a separar a interação entre usuário e tecnologia da estrutura socioeconômica organizacional, quando, na realidade, o entrelaçamento íntimo de ambos os níveis, assim como a dinâmica entre ecossistema e microssistemas, é difícil de ser identificado em uma única teoria ou estrutura analítica. Isso porque os

conteúdos, relações e conexões mediadas via plataformas de redes sociais, como por exemplo, o Twitter, não estão isentos de processos de manipulação de informação, visto que são ambientes lucrativos para fins corporativos.

Conforme Dos Santos; Cypriano (2014) importantes mudanças ocorrem nas redes digitais que habitam a internet e que têm em comum um mesmo a priori tecnológico - a web como plataforma, a web relacional, participativa.

Tal a priori as torna capazes de operar por um modo que é próprio desse tipo de rede, isto é, por difusão horizontal, de forma descentralizada e interativa, com grande poder de disseminação no interior dos coletivos que agrega. (DOS SANTOS; CYPRIANO, 2014, p.74)

Ainda conforme Dos Santos; Cypriano (2014, p.74), é a partir dos espaços criados nas plataformas digitais que criam-se novos locais de troca e compartilhamento entre indivíduos que são, em princípio, parceiros na animação desses espaços e que qualquer um deles estando em condições de tomar a palavra e fazer uso de seu poder de enunciação emite uma opinião formada ao seu público.

Não raro essa tomada de palavra virá acompanhada de farto material sonoro e de imagens, fixas ou em movimento. O Facebook, mas também o Twitter, fornece certamente exemplos privilegiados dessa expansão das possibilidades de expressão e atuação no domínio do espaço público. (DOS SANTOS; CYPRIANO, 2014, p.74)

Para Van Dijck (2013), compreender o usuário dentro do contexto das Redes Sociais é algo complexo e multifacetado. Interagindo com o que a autora chama de “Cultura Colaborativa”, estão os atores, primeiros elementos da Rede Social. Para Recuero (2009), os atores são as pessoas envolvidas na rede e são elas que atuam para moldar as estruturas sociais estabelecidas por meio da interação e da constituição de laços sociais.

Dessa forma, embora a sociedade esteja ligada mundialmente via redes de computador, ela não ocupa um papel estável no processo comunicacional. A rede depende das interações de seus atores e da movimentação conjunta, responsáveis por ativar a circulação de informações, a partir de percepções do lugar que eles ocupam neste espaço.

Para Recuero (2009, p.191), “estudar redes sociais, portanto, é estudar os padrões de conexão expressos no ciberespaço. É explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição de grupos sociais”. Conforme explicado anteriormente, podemos definir redes sociais como um conjunto de “nós” conectados - sendo que esses “nós” podem ser pessoas ou grupos - geradores de conteúdos.

No ciberespaço (Rebs, 2009, p.4), existem “lugares” e “não-lugares”. Certos lugares no ambiente virtual “vão agregar as mesmas características identitária, simbólicas, relacionais e históricas que os lugares concretos. Este processo é facilmente observado em ambientes virtuais que vão tentar representar lugares físicos no ciberespaço”

As plataformas de redes sociais digitais, desde o seu surgimento, representam uma importante fase de cultura no mundo e proporcionaram, ao longo do tempo, novas formas de comunicação. Marteleto (2010) destaca que os estudos de redes digitais permitem a construção de uma compreensão inovadora da sociedade

[...] que ultrapassa os princípios tradicionais, nos quais o elo social é visto como algo que se estabelece em função dos papéis instituídos e das funções que lhes correspondem. De forma diferente, o conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização. (MARTELETO, 2010, p.24.)

A geração de interação criada pelas redes sociais possibilitou a visualização de um mundo mais global, gerando fluxos conversacionais, que antes seriam impossíveis, devido à grande interação que hoje se estabelece. Reunir um grupo em um só lugar, conhecidos ou não uns dos outros, possibilitando diversos tipos de interação, num curto espaço de tempo, foi o grande mote para que as Redes Sociais Digitais se espalhassem. Outro benefício visto nas redes sociais era o baixo custo de uso, se comparadas com uma ligação telefônica ou com o deslocamento até a pessoa com quem se desejava se comunicar.

A conexão estabelecida entre os computadores e a forma como as redes sociais foram apropriadas pela sociedade nos revela a potencialidade que essa

ferramenta possui e no entendimento dos fluxos conversacionais que apresentam em diferentes frentes. Recuero (2012, p.32) afirma que “a conversação, no ciberespaço, é capaz de simular, sob muitos aspectos, elementos da conversação oral. Convenções são criadas para suplementar, textualmente, os elementos da linguagem oral e da interação, gerando uma nova 'escrita oralizada'.”

A criação de novas narrativas por meio de processos de negociações entre os usuários e a construção de significados, a partir dos discursos produzidos por atores, permite a expansão do ciberespaço. Recuero (2012, p.3) destaca que “a Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) opera sobre várias ferramentas, com características e limitações próprias, que vão também influenciar as práticas conversacionais que emergem no ciberespaço”. Silva; Tessarolo (2016, p.02) destaca que com o barateamento da TIC e o seu crescente uso por parte dos indivíduos, por meio de smartphones, “o desenvolvimento do ciberespaço e a cultura desenvolvida por meio de sua utilização e popularização, permitem a configuração de uma sociedade informacional e hiperconectada”.

Recuero (2012) observa que essa conversação, característica da apropriação da internet, permite o delineamento de redes. São essas redes que nos interessam, embora a internet permita centenas de outros tipos de interação social, como uma conversa instantânea ou a troca de mensagens por e-mail.

2.1.1 CONVERSAÇÃO EM REDE

O número crescente de novos usuários nas redes sociais digitais e o aumento no tempo gasto conectado nesses ambientes¹⁰ têm feito alguns estudiosos refletirem sobre a importância no uso dessas mídias como fonte de informação. No ambiente online as interações ou ações de tweetar, responder, retweetar e curtir no Twitter podem apresentar intenções distintas. Para

¹⁰ Brasil é 'vice' em tempo gasto em redes em ranking dominado por 'emergentes'. Fonte: BBC NEWS BRASIL. Disponível em: < <https://f5.folha.uol.com.br/nerdices/2019/09/brasil-e-2o-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.shtml>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

Recuero (2014, p. 120) o botão de curtir pode sugerir as seguintes ações: “a) difusão da informação, uma vez que o usuário ao fazê-lo torna público a toda a sua rede social a mensagem “curtida”; e b) difusão de apoio e concordância, funcionando como uma forma de legitimação do conteúdo “curtido.”

O compartilhar (retweetar) tem como função “dar visibilidade para a conversação ou da mensagem, ampliando o alcance dela” sendo uma ação “baseada na percepção [do usuário] de algo como ‘interessante’ para sua rede social”, que legitima e “valoriza a informação que foi originalmente publicada” (RECUERO, 2014, p.120). Os comentários, por outro lado, são percebidos como práticas mais evidentes do diálogo e não apenas sinalizam a participação, mas trazem uma efetiva contribuição para a conversação, uma vez que compreenderiam uma “participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer sobre o assunto” (RECUERO, 2014, p.120).

De acordo com Recuero (2009), existem quatro valores que podem ser construídos pelas Redes Sociais Digitais: a visibilidade (que auxilia a manutenção de laços sociais e faz tornar-se conhecido), a reputação (as impressões que um ator social tem do outro), a popularidade (descrita pelo número de comentários e tamanho da audiência) e a autoridade (quantidade de citações, menções ou retweets, além da capacidade de gerar conversações).

O botão “curtir” parece ser percebido como uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta. Toma-se parte, torna-se visível a participação, portanto, com um investimento mínimo, pois o ator não necessariamente precisa ler tudo o que foi dito. É uma forma de participar da conversação sinalizando que a mensagem foi recebida. Além disso, ao “curtir” algum enunciado, os atores passam a ter seu nome vinculado a ele e tornam público a toda a sua rede social que a mensagem foi “curtida” (essa mensagem aparece como uma notificação para as conexões de quem “curtiu”) (RECUERO, 2014, pp. 119-120).

Assim, as diversas formas de interação disponíveis no Twitter são os agentes de todas as ações dentro das plataformas de redes sociais, pois é a partir delas que a participação do usuário é analisada. Desta forma, é por meio destas ferramentas que os usuários podem interagir, expondo suas opiniões ou preferências. Recuero (2014) observa que comentar uma informação é se

tornar parte da conversação, na medida em que os usuários construam algo passível de discussão, uma vez que é de seu interesse, para sua rede social.

Há que se apontar a diferença entre site de rede social, de uma plataforma de Rede Social. A diferença é evidente: redes são agrupamentos de elementos que formam uma estrutura interligada. Uma Plataforma de Rede Social constitui-se quando esses elementos são ligados por pessoas em interação, a agrupamentos de indivíduos sob interesse comuns.

Numa plataforma de Rede Social, a conversação é mantida por uma estrutura de rede, ou seja, elas apenas existem se houver interação entre elas. O Twitter aparece como uma das redes sociais mais populares no uso da modalidade conquistada pelo melhoramento tecnológico como fator de integração à sua plataforma na internet.

A seguir, buscaremos apresentar as principais características e modos de interação disponíveis aos usuários. Como a interação passa pelo processo de comunicação, Ferreira (2013) afirma que o que mantém as plataformas de Redes Sociais agrupadas são suas práticas de comunicação.

Nessas redes sociais, a interação dá conta de fazer movimentarem-se diversos produtos midiáticos e culturais, como notícias, peças publicitárias, vídeos, músicas, obras de arte, fotografias. Mesmo assim, é a conversação que mantém esse processo dinâmico, seja comentando uma notícia, “curtindo” uma campanha publicitária, compartilhando um vídeo ou uma música. (FERREIRA, 2013, p. 71.)

Os usuários que fazem parte das plataformas de Redes Sociais estão interessados, principalmente, na autonomia presente nas redes sociais em interagir de forma livre. A interação em rede (RECUERO, 2012, p.18) se mantém devido à facilidade em se comunicar. Trata-se da “apropriação de um sistema técnico para uma prática social”.

Redes Sociais Digitais não equivalem-se, necessariamente, a sites de redes sociais. Sendo assim, o Twitter é site de rede social dentro de um processo de Rede Social Digital. Essas redes (RECUERO, 2012, p.20) são espaços técnicos que garantem a emergência dos sites de redes sociais. “As redes sociais, desse modo, não são pré-construídas pelas ferramentas e, sim, apropriadas pelos autores sociais que lhe conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais”.

Nesta pesquisa, selecionamos o Twitter como espaço explorado para a análise, baseado nos fluxos de informações e interações de seus usuários. É nele que o acontecimento aqui analisado eclode.

2.2 REDE SOCIAL DIGITAL TWITTER

A rede social foi utilizada pela primeira vez num festival de entretenimento e tecnologia em 2007, o SXSW (South by Southwest)¹¹, quando cerca de 60 mil mensagens diárias foram trocadas em tempo real sobre o evento. O mascote do serviço, um pássaro azul, remete à expressão popular a *little bluebird told me* (no Brasil: um passarinho azul me contou), comumente utilizada por pessoas prestes a revelar uma novidade ou algo surpreendente. A partir desse momento, a ferramenta se expandiu para o mundo.

Jack Dorsey, em entrevista ao jornal El País¹², afirmou que o Twitter não é uma “rede social,” mas sim uma “ferramenta de comunicação”. Dorsey disse ainda que

[...] Twitter é uma forma de comunicar com as pessoas muito portátil e acessível. Qualquer um com um telefone Nokia pode entrar na minha conversa. O Twitter permite controlar o que tem e aquilo que recebe e as pessoas podem optar por ler ou não. Aquilo que o Twitter faz é simplificar a comunicação entre as pessoas, expressar as tendências daquilo que se está a passar em cada cidade e no mundo, para além de forçar a interação entre os indivíduos que anteriormente se relacionavam cara a cara. (DORSEY, 2009).

Conforme Orihuela (2007), o Twitter pode ser considerado uma mescla de rede social, mensageiro instantâneo e blog. Para Recueco (2009) o Twitter é um “serviço de mensagens curtas.” As duas definições auxiliam a descrever o fenômeno, mas seu alcance e sua influência têm propiciado também que novas formulações sejam geradas para explicá-lo. Orihuela e Recuero, por exemplo, reforçam o caráter conversacional do Twitter e seu perfil de funcionamento em tempo real.

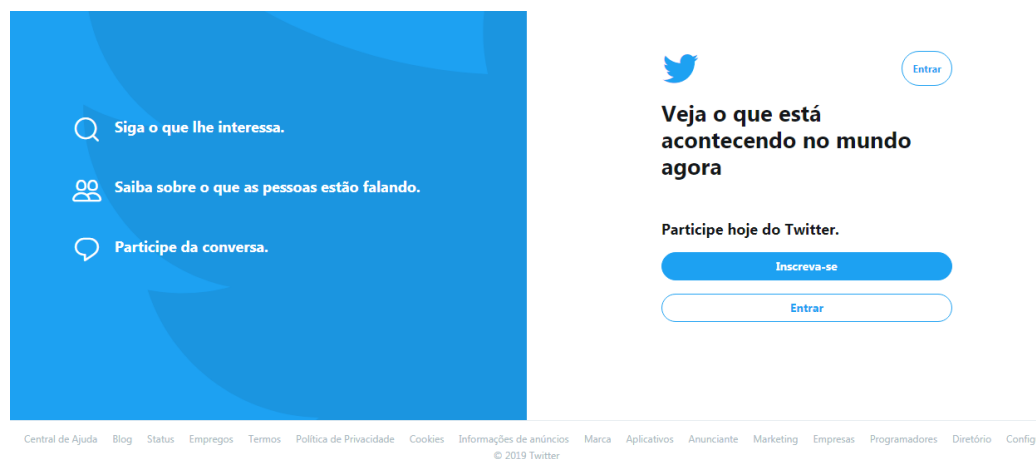
11 O South by Southwest (SxSW) é um festival que reúne em Austin, capital do Texas, 4 sub eventos: o SxSW Interactive (de tecnologia), o SxSW Music (de música), o SxSW Film (de cinema) e o SxSW Comedy (de humor, recém inserido como frente oficial). Informação disponível em: <<https://www.updateordie.com/2017/02/21/um-pouco-da-historia-do-sxsw/>>. Acesso em: 14 de março de 2019.

12 Entrevista Jack Dorsey - FOLHA ON-LINE. Disponível em: <encurtador.com.br/stAW4>. Acesso em: 14 de março de 2019.

O prefixo “Micro” de microblogging se refere à extensão das postagens, mas também poderia remeter aos dispositivos eletrônicos capazes de redigi-las e transmiti-las. Criado em 2006 para responder a pergunta “o que você está fazendo agora” em até 140 caracteres, em novembro de 2018, após algumas semanas de testes com perfis selecionados, a rede social liberou um novo limite de 280 caracteres para todos os usuários.

Com a chegada dos 280 caracteres, mudou também a maneira com a qual a plataforma realiza a contagem. Em vez de números, como era tradicional, está disponível um indicador visual, um círculo que vai sendo preenchido na medida em que o usuário se aproxima do limite.

Figura 7– Página inicial Twitter



Fonte: Site Twitter.

O Twitter, entre todas as suas utilidades, pode ser usado como plataforma de compartilhamento e divulgação de links que remetem a vídeos, músicas, fotos, notícias, postagens em blogs, entre outros conteúdos informacionais. A postagem de mensagens sobre o clima, acidentes, trânsito e fenômenos naturais dá ao site um caráter de utilidade pública. Para Seixas (2009), o Twitter é uma plataforma em constante crescimento, que permite novas formas de interação entre as pessoas e a utilização da rede social como plataforma de compartilhamento de notícias, informações e links é crescente. Cardozo (2009, p.28) explica que no Twitter ocorrem “relações entre os indivíduos na comunicação mediada por computador.”

O Twitter foi o precursor, aquele que definiu o conceito, as novas possibilidades e a nova forma de irrigar o mundo com conteúdo. Permitiu que uma verdadeira legião de programas, sites e mash-ups pudessem proporcionar formas diferentes de publicar e interagir com a quantidade colossal de mimi-conteúdos já disponível nesse pequeno, e crescente, universo. Já se percebe que ao redor dessa plataforma se forma uma economia própria, onde ela própria é o início e o fim, o meio e o objetivo. (SEIXAS, 2009, p. 45).

O primeiro fundamento de uma plataforma como o Twitter, segundo Cardozo (2009, p.28) “é o ator que, na rede social, representa um indivíduo. Em seguida, o fator essencial de toda rede é ideia de laço, que corresponde à conexão entre os atores.” O Twitter funciona por meio da interação social, buscando conectar usuários e proporcionar sua comunicação. Para Cardozo (2009), um usuário, ao se conectar ou não com outro, leva em conta diversos fatores e assim as interações são estabelecidas sob prismas muito específicos, que a autora chama de nó.

A rede possui diversos símbolos que constroem o espaço onde ocorre a interação: os usuários que segue se chamam “following” e por quem ele é seguido são os “followers”. A rede permite que os usuários se comuniquem por meio de textos “tweets” - nos “tweets” é possível adicionar foto ou vídeo, gif, enquete ou localização - e menções a outros usuários “mentions”. Permite também que compartilhem “retweets”. Alex Primo (2009) expõe algumas implicações desta ação: “Logo, um simples *retweet* pode não apenas ampliar o alcance de uma informação, mas também criar novas conexões, motivar debates a partir de uma perspectiva diferente, e até mesmo gerar uma ação coletiva em rede.”.

A hashtag, representada pelo símbolo “#”, é um filtro que reúne tudo o que é falado sobre um assunto, buscando engajar os usuários num determinado tópico outema. O arroba “@” serve como um identificador dos nomes dos usuários, o “reply”, é ao ato de responder a uma mensagem postada por outros usuários e o “RT” ou “retweet” refere-se à prática de replicar uma mensagem postada por outro usuário, referenciando-o. Também está disponível o ícone curtir que, clicando ou tocando, ficará vermelho, confirmando que o “tweet” foi curtido. O usuário tem a sua disposição “Mensagens Diretas” que possibilitam iniciar uma conversa em particular com pessoas sobre “tweets” e outros conteúdos.

Silveira (2013, p.2) conta que a hashtag não foi um mecanismo pensado pelos criadores do Twitter e que ela não fazia parte de sua interface inicial. A hashtag é resultado de uma apropriação que os próprios usuários acrescentaram ao sistema para melhorar as possibilidades de criar grupos de pessoas em torno de um tema ou assunto determinado e destaca que hashtag foi usada no Twitter pela primeira vez em 2007. “A transformação das hashtag em hiperlinks e sua listagem em uma barra lateral, organizadas como “trending topics”, ou “assuntos do momento”, só foi apresentada pelo Twitter em 2009.”

A transformação de uma *hashtag* em hiperlink permite que o usuário, ao clicar na *hashtag*, vá direto para a página de resultados do site, na qual são listadas as publicações que utilizam esse mecanismo. Da mesma forma, os famosos *trending topics* (assuntos do momento), foram incorporados posteriormente, como uma forma de dizer aos usuários quais eram as *hashtags* do momento. No Brasil, por exemplo, as cidades de Belém, Brasília, Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Fortaleza, Goiânia, Guarulhos, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís e São Paulo estão disponíveis para seleção.

No Twitter, criado com uma proposta inicial informacional, os usuários se apropriaram da plataforma como um espaço conversacional, estabelecendo interações nas mais variadas proporções, seja para a conversação ou troca intelectual. Outros, com perfil comercial, vislumbraram na ferramenta uma forma de potencializar e divulgar seus trabalhos, buscando monitorar o perfil dos usuários atrás de seus interesses e necessidades.

Com a possibilidade de compartilhamento instantâneo de informações sobre acontecimentos por parte da sociedade e a disseminação de dispositivos móveis, os veículos de comunicação encontraram no Twitter um novo canal de comunicação, tanto para buscas de pautas, como para a publicação de notícias. As redes sociais modificaram a rotina dos jornalistas, tornando-os mais atentos aos detalhes que circulam no cirberespaço.

2.3 TWITTER E JORNALISMO

Falar sobre o uso jornalístico do Twitter se faz necessário no cenário atual devido à grande utilização dessa rede pelos veículos de comunicação, que perceberam as diversas potencialidades oferecidas. O caráter instantâneo da veiculação de fatos e a possibilidade de estabelecer um diálogo com a audiência em tempo real e a chance de medir o impacto de uma notícia são alguns fatores que levaram o jornalismo a aderir o Twitter.

A publicação de notícias no ciberespaço teve início em 1994, com o surgimento da versão virtual do jornal americano Nando Times. No Brasil, a primeira publicação coube ao Jornal do Brasil, em 1995. A partir desse momento, os grandes periódicos nacionais criaram suas versões online, inicialmente publicando apenas conteúdos veiculados nas edições impressas do dia.

O jornalismo tem como principal característica a atualidade. A cada minuto, recebemos informações, emitidas pelos diversos meios de comunicação. É perceptível, principalmente para quem lê jornais diários, por exemplo, a diferença entre editoriais (cultura, economia, política e esportes), seja na temática, nas fontes ou na forma de escrever. Nas palavras de Marques de Melo (2006, p. 68), o jornalismo brasileiro, “nutre-se de um modelo português determinado por influências francesas e britânicas”, de forma que “compreender os gêneros jornalísticos significa [...] estabelecer comparações, identidades, indagar procedências.”

O jornalismo tem como função mediar a realidade social. Partindo deste pressuposto, podemos dizer que os fatos que permeiam a complexidade cotidiana se transformam em narrativas jornalistas. Morin (2006, p.13) afirma que o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do que é uno e do que é múltiplo.

A incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária), conduz a infinitas tragédias e nos conduz à tragédia suprema (MORIN, 2006, p. 13).

Um dos grandes desafios do jornalismo atual é pensar e apresentar narrativas que mostrem a vida cotidiana das pessoas. Contar histórias de gente comum, detalhes e experiências que fazem parte do mundo e a da vida. Pensando nas histórias comuns, se faz necessário um novo perfil de jornalista, um profissional que expresse com autoria como as pessoas vivem no mundo. Rincón (2006) relata que narrar a informação não é tarefa difícil. Para o autor, pensar diferente e olhar para as fontes fora dos cânones da máquina convencional jornalística é difícil.

Difícil, mas não impossível, porque criar um novo narrador jornalista implica aventurar novas visões, convencer-se de que a narração pertence ao jornalista, que deve fazer dela sua fonte de registro e imaginação (RINCÓN, 2006, p.127).

A ausência de relatos mais profundos em algumas instituições jornalísticas, influenciada pelo modo de produção acelerado, o encolhimento das redações, a competitividade e a tendência em dar notícias da última hora colaboram para a redução das pautas sobre histórias de vida, por exemplo. Motta (2012) relata que as narrativas jornalísticas ajudam a compreender um pouco mais o ser humano na sua complexidade. A autora destaca que é a partir delas que entendemos o mundo que vivemos e entendemos o lugar que ocupamos.

As narrativas são uma prática humana universal, constituidoras de nossas experiências mais profundas e transcendentais, assim como nossas experiências mais felizes ou amargas: elas nos representam, são metáforas de nossas vidas, refletem nossa relação com o real e o irreal, estabelecem as fronteiras entre o bem e o mal, o certo e o errado, instituem nossas sociedades, constituem nossas nações, nosso mundo (MOTTA, 2012, p. 32).

Com o aumento do uso das plataformas digitais para a prática da interação social, novas formas de compartilhamento das informações surgiram, transformando as formas de obtenção, consumo e produção de informação. A experiência de pertencimento de um espaço público/privado no ciberespaço nos revela um interessante fenômeno. Conforme Sousa (2002), a Internet e as redes sociais digitais passaram a ter um papel que antigamente apenas o jornalismo possuía. O poder de veicular uma notícia.

No online, o público pode compartilhar informações sem ter como filtro grandes veículos de comunicação, que na grande maioria das vezes são responsáveis por desqualificar pautas que poderiam render boas reportagens.

Desde 2009, Eliane Brum escreve crônicas e colunas de opinião pública em plataformas digitais. A jornalista, em cada etapa de sua produção noticiosa, revela elementos singulares que o diferem do fazer jornalístico tradicional e diário. Desde o início de sua carreira, como repórter no jornal Zero Hora, em 1989, as escolhas de Eliane sempre foram por narrar o cotidiano das pessoas anônimas, de forma a centrar sua prática na apropriação de fatos não noticiados em veículos de comunicação tradicionais. Brum (2013) busca desvincular-se do fazer midiático convencional e notícia o cotidiano.

A carne da minha reportagem são os “desacontecimentos”, palavra que dá conta de uma escolha: escrevo sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história. Sobre aquilo que se repete e, por equívoco ou por miopia, é interpretado como banal. Ao empreender essa narrativa, busco subverter o foco periférico. (BRUM, 2013, p. 13).

No cenário atual, a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum utiliza o online para colocar em prática o jornalismo. Brum (2006, p. 187) relata que enxerga o mundo por meio de uma lente de alta definição e que é uma pessoa que escuta e escreve. “Gosto de histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico.”

Atualmente a jornalista escreve uma coluna de opinião quinzenal, que leva seu nome, no El País (textos em Espanhol e Português) com longos artigos de opinião e para o The Guardian (Inglês). Além disso, dedica-se à produção de livros e documentários, ministra palestras e oficinas sobre reportagem para estudantes de jornalismo.

Em sua coluna de despedida do site da revista Época, publicada no dia 23 de setembro de 2013, intitulada Três histórias reais e uma despedida, Eliane Brum lembrou a busca de seus tios, a mando de seu pai pelo tempo. Quando, por algum motivo, se esquecia (BRUM, 2013) de dar corda no relógio

de parede, um de seus tios encilhava o cavalo e partia em busca de organizar o tique-taque da parede.

De fato não fazia falta porque a natureza marcava o tempo e eles dela eram parte. Mas a ausência do tique-taque com os dias ia se tornando uma presença de mau augúrio, porque vida vivida é vida marcada. Antes que o mundo se desarranjasse, meu avô despachava um filho para a cidade. Dava a ele seu relógio de bolso, sempre parado até essas emergências temporais. (BRUM, 2013, s.p.)

Há 659 dias, é a própria jornalista que não deixa o tempo passar em vão, sem que o assassinato de Marielle Franco seja registrado. O relógio, como registrado em sua coluna, agora não está mais preso na parede, mas em sua conta no Twitter; ao invés de questionar as horas, o mecanismo agora é perguntar o que muitos tentam responder sobre o Brasil: “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”

O assunto que antes era noticiado constantemente em rádio, TV, jornal impresso e internet, esfriou nas redações muito antes do desfecho total do caso. Para Eliane Brum, Marielle Franco e tudo o que ela represente é presente.

As redes sociais estão sendo usadas para postar chamadas para notícias (acompanhadas ou não de links), e também para auxiliar nas demais etapas do processo jornalístico (como ao servir de fonte, na apuração). Embora não voltada especificamente para as práticas jornalísticas, a interface de um site de redes sociais pode ser apropriada por seus usuários para o jornalismo (ZAGO, 2008).

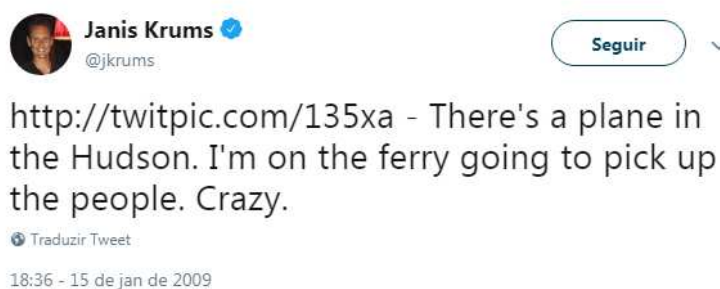
No atual cenário, as redes sociais digitais vêm, cada vez mais, descentralizando o domínio do campo jornalístico tradicional, à medida que as pessoas produzem conteúdo na internet. Enviar mensagens multimídias para o Twitter, a partir do smartphone, tem sido uma importante ferramenta a serviço do jornalismo. O usuário da plataforma tanto pode enviar conteúdo informativo como recebê-lo a partir dos perfis dos jornais, revistas, portais e blogs especializados.

Para Zago (2008) a característica mais relevante no Twitter é a velocidade. Ele é uma ferramenta em potencial para o que Briggs (2007)

chama de “jornalistas mochileiros”, os profissionais acostumados a publicar notícias em qualquer horário, em qualquer lugar.

Grandes veículos de comunicação, como o jornal El País Brasil, atualizam diariamente o seu perfil no Twitter. Tuiteiros também utilizam o site para noticiar acontecimentos, como a queda de um avião no Rio Hudson (Nova York) cujo primeiro registro fotográfico feito a partir do celular e enviado para o Twitter pelo empresário Janis Krums. Na publicação constava a seguinte frase: Há um avião no Hudson. Estou no barco indo pegar as pessoas. Loucura.

Figura 8– Perfil Janis Krums



Fonte: Conta no Twitter Janis Krums

Diante de uma prática colaborativa dos usuários do Twitter ao noticiar fatos, é possível pensar a incorporação do microblog como uma ferramenta do fazer jornalístico. Firmino (2009) destaca a importância do Twitter pelo jornalista como uma forma do veículo conseguir noticiar antes dos demais.

Portanto, percebe-se que essa modalidade de blog, pelas características apresentadas, enquadra-se num perfil adequado para o uso jornalístico, que exige, mais que qualquer outra prática, o caráter do imediatismo e da atualização contínua em situações de cobertura de um evento (crises, acidentes, conflitos) em que está em jogo a competição pelo tempo real entre diversas mídias. (FIRMINO, 2009, p.258).

Mas o uso das redes deve vir acompanhado da compreensão de que o Twitter também funciona como rede social, e que a relação do público com os veículos precisa ir além do escoamento de conteúdo. É preciso manter o contato direto com o leitor, por meio de mecanismos de interação e

comentários. Recuero (2009) aponta as redes sociais digitais como um espaço de resposta do público que, ao gerar discussões e comentários, aumentam o impacto da notícia. E destaca a importância de se produzir matérias de qualidade, para os quais as redes sociais podem colaborar.

“Parece absurdo, em um mundo ridiculamente globalizado, as notícias locais parecem sempre piores, mais difíceis de ser encontradas e mais superficiais. E quanto mais conectadas as pessoas estão, mais amplos os canais de informação e maior sua capacidade de receber informações relevantes.” (RECUERO, 2009, s/p).

Milhares de informações chegam às redações jornalísticas a todo o momento. Assessorias e agências são algumas responsáveis por distribuir informações dos fatos e acontecimentos que surgem. Com a criação de canais de comunicação nas redes sociais digitais como potencial agenciador de notícias e produção de conteúdo, os meios de comunicação viram nas plataformas um canal de comunicação com o público.

Estar nas redes é uma necessidade, tanto para acompanhar a movimentação e interesses da sociedade, como para atingir novos usuários. As notícias em 280 caracteres mudaram a forma de consumir informação. Jornais e revistas online estão - com o passar dos dias - mais presentes na vida das pessoas, mudando a forma de consumo cultural. Antigamente o leitor precisava sair de casa e se deslocar até uma banca para comprar um jornal ou revista. Hoje, basta abrir o smartphone para ter acesso a milhares de informações. Para Santaella (2003), o advento de cada meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural próprio

[...] que fica impregnado de todas as contradições que caracterizam o modo de produção econômica e as conseqüentes injunções políticas em que um tal ciclo cultural toma corpo. Considerando-se que as mídias são conformadoras de novos ambientes sociais, pode-se estudar sociedades cuja cultura se molda pela oralidade, então pela escrita, mais tarde pela explosão das imagens na revolução industrial-eletrônica etc. (SANTAELLA, 2003, p. 24).

Desde o surgimento das redes sociais digitais, as empresas estão buscando se conscientizar da importância deste novo canal de comunicação e de se ter um profissional especializado no manejo delas. Com a transformação

cultural que estamos vivendo, em que tudo o que surge tem o poder de se proliferar nas redes, planejar e pensar estratégias de filtros do que será noticiado se faz importante.

O jornalismo se apropriou das redes sociais digitais como um canal de informação, mas também como um ambiente produtivo para o surgimento de pautas. Cada apropriação é feita de uma maneira diferente, porém, as redes permitem que as informações veiculadas tenham a inserção de elementos que vão de encontro de propostas das plataformas.

3 VIOLÊNCIA, RAÇA E INTERSECCIONALIDADE

As relações raciais no Brasil, principalmente as que envolvem ações policiais e a população negra, são objetos de discussão em diversos setores da sociedade. Elas aparecem também no meio acadêmico, na mídia e na política. Nos debates existe um consenso quanto à existência das desigualdades sociais, e a busca por soluções para tentar diminuí-las, mesmo depois da abolição da escravatura, é frequente.

O fato é que as desigualdades continuam separando os negros dos espaços de poder. O brutal assassinato da parlamentar Marielle Franco, conhecida por atuar em movimentos negros no seu Estado, na construção de projetos multiculturalistas, buscando fazer com que a valorização cultural e racial saíssem do campo dos discursos e fossem colocadas em prática nas relações sociais, representa as dificuldades de acesso dos negros a representações simbólicas de poder, que fazem parte do imaginário social.

Para Carvalho (2019) a crítica radical pós-colonial ao universalismo e às grandes narrativas de unilinearidade metropolitana deve ser seguida pelos seus desdobramentos sexistas. A autora destaca que a crítica a racialização deve seguir lado a lado com a crítica sexista, visto que ambas se alimentam mutuamente.

Para Carvalho (2019, p.75) quando o sexismo entrecruza a linha de cor, percebe-se que não existe apenas uma forma de opressão, mas sim múltiplas camadas de opressão e destaca que existe “uma pandemia da violência contra as mulheres em escala mundial” e destaca que “as mulheres subalternas do sul sofrem os efeitos dessas violências e violações de direitos humanos de maneira redobrada, seja nos espaços públicos ou domésticos.”

É importante salientar que a disseminação da violência contra as mulheres em guerras, no sistema carcerário e nas lutas sociais de governos ditatórios, materializam-se na frequência com que as mulheres são submetidas a diversos (Carvalho, 2019, p.75) “atos de tortura, maus tratos, violência sexual e psicológica em prisões, abusos, incluindo ameaças de morte e insultos misóginos, feminicídios e assassinatos de si, e dos seus filhos/as e companheiros.”

3.1 VIOLÊNCIA, CORPOS NEGROS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

O atual cenário racial no Brasil não pode ser comparado com o que o era há trinta anos. Vivemos, atualmente, ao lado de um sistema genocida da juventude negra pobre, favelada e periférica. Ao mesmo tempo, ampliam-se os debates e a mobilização para criar alternativas que revertam as desigualdades raciais, institucionalizando-se, por exemplo, as (Castro, 2017) “Ações Afirmativas e demais políticas de valorização e inclusão da população negra no Brasil.”

Foucault (1999) define o racismo como uma possibilidade de eliminação de vidas que são consideradas como um perigo biológico em prol da sobrevivência e da ascensão de uma raça. O autor cita como exemplo o caso da Segunda Guerra Mundial, quando os alemães nazistas consideraram que vidas judias poderiam ser sacrificadas em benefício da ascensão de uma raça pura alemã. Para Foucault (1999) foi nesse

[...] momento que o racismo se inseriu como mecanismo fundamental do poder, tal como se exerce nos Estados modernos, e que faz com que quase não haja funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo. (FOUCAULT, 1999, p. 304).

Carvalho (2019, p.73) destaca que para as sociabilidades coloniais (re)lembrar é fazer ressurgir as dores não cicatrizadas da perda de importantes partes de si e, no caso da linha de cor, “a emergência da impunidade como modo operante do Estado e seus agentes tem sido a equação desigual que tem um lado, a mão forte para punir os oprimidos e, do outro lado, a mão que afaga os opressores.”

Para Van Dijk (2008) a noção de racismo pode ser considerada uma prática social de desigualdade étnico-racial e de gênero, expondo as iniquidades baseadas nas classes sociais. O conceito elaborado por Van Dijk (2008) está ligado a um outro conceito central no aporte teórico, o das “elites simbólicas”, ou seja, as elites educacionais, escolares, políticas e midiáticas que controlam o acesso à maioria dos discursos respeitados pela sociedade.

Se apropriando a esse poder, as “elites simbólicas” têm desempenhado um papel específico na reprodução de valores e conceitos, ou seja, na

reprodução e veiculação do simbólico que circunda o tecido social, sendo responsável pela influência de formas discursivas de racismo. Van Dijk (2008) chama essas formas de “um novo racismo”, confirmadas por textos e conversas, incluindo, por exemplo, as informações veiculadas nas redes sociais.

Nos últimos anos, mas principalmente após as eleições de 2018, observamos na política brasileira o que alguns teóricos chamam de virada conservadora. Conforme Santos; Gomes (2019) na última década escancarou-se uma sociedade conservadora e extremamente racista. Kilomba (2017) apresenta uma historicidade do racismo vinda desde a antiguidade, que começou com a ocupação das terras e o surgimento das divisões trabalhistas, passando pelo período de colonização até os dias atuais. Fanon (2008) destaca que pensamentos como ser “o melhor”, falar a “melhor língua”, ter acesso a “melhor cultura”, possuir a “melhor ciência”, ter o “melhor corpo” e decidir “o que é certo e o que é errado”, transformam a subjetividade do subalternizado por meio de ensinamentos do opressor que o faz pensar ser o não sujeito.

O Brasil é considerado o país do Carnaval, das mulatas, do futebol e dos bailes Funk. Estereótipos conhecidos em que a figura do negro ocupa lugar de destaque. Sempre atrelado ao cenário folclórico, nos últimos anos, os negros passaram a ser citados e conhecidos no cenário intelectual, político e em profissões tradicionais de grande destaque na sociedade. Embora negados, os casos de discriminação racial acontecem com frequência e segundo o informativo “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, divulgado em novembro de 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2012 e 2017, foram registradas 255 mil mortes de negros por assassinato; em proporção, negros têm 2,7 mais chances de serem vítimas do que brancos.

Os levantamentos do IBGE se confirmam quando feita uma rápida pesquisa em sites de grandes jornais, como por exemplo, as notícias veiculadas no El País Brasil.

Figura 9– A criminalização dos bailes funk.



Fonte: Site El País Brasil.

Figura 10– Como sobreviver ao gatilho da polícia do Rio de Janeiro

[VIOLÊNCIA NO RIO DE JANEIRO >](#)

Ser jovem, negro e sobreviver ao gatilho fácil da polícia do Rio de Janeiro

Quatro jovens contam a rotina em uma favela carioca, onde a violência policial mata um em cada quatro e alarma até a ONU. "Conhecemos mais gente que morreu pela violência do que quem entrou na universidade", diz Arthur, de 22 anos



Fonte: Site El País Brasil.

No Brasil, a pobreza tem cor. Rita Izsák, relatora especial das Nações Unidas sobre Questões de Minorias, em entrevista à BBC Brasil, elogiou as políticas de igualdade adotadas pelo Brasil, mas destacou que “a pobreza tem cor no Brasil, e os negros são os mais ameaçados.”

Nesse caso, chama-se atenção para uma dentre as diversas experiências que retratam como a linha de cor atravessa as possibilidades de igualdade simbólica, econômica e cultural entre os povos. Os discursos de apagamento, silenciamento e embranquecimento continuam operando com

força nas práticas discursivas e para Kilomba (2017, p.16) “no racismo, a recusa é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão social”.

De agosto a dezembro de 2019, digitando as palavras “negro; favela”, no site do jornal El País Brasil, identificamos as seguintes notícias:

Tabela 1 – Notícias veiculadas no site do El País Brasil

Data da publicação	Título da reportagem	Linha de apoio
04 de dezembro	Lucas Santos: “Saí da favela, mas não posso ficar alienado enquanto matam negros e pobres”.	Promessa do futebol brasileiro e cria da comunidade Para-Pedro, no Rio, o atacante que joga na Rússia se inspira em ativistas negros para contestar a violência policial em sua cidade.
01 de dezembro	Iza: “Se eu estiver no horário nobre da TV, mesmo calada, já tô dizendo muito”.	Apostando em letras empoderadoras e clipes protagonizados por bailarinos e atores negros, a cantora carrega um discurso por igualdade racial à música pop brasileira.
18 de novembro	13 anos como doméstica, 4 sem receber. A escravidão no quarto de empregada.	A atriz Cyda Baú, bisneta de escravos, saiu de um quilombo e virou doméstica ainda criança, em troca de comida e roupas, sem saber ler e escrever, até fugir para encontrar seu destino. Hoje conta sua história nos palcos.
04 de novembro	A alegria da bailarina Ingrid Silva ao receber as primeiras sapatilhas da cor de sua pele.	Fazia 11 anos que Ingrid Silva, do Dance Theatre do Harlem, pintava seus sapatos de dança.
02 de novembro	Caso Marielle lança sombra sobre a polícia, tribunais e a política brasileira.	Assassinato da vereadora carioca, há 20 meses, está cheio de lacunas, inclui graves irregularidades e continua cercado por uma corrente de informações, frequentemente contraditórias, que semeiam novas dúvidas sobre quem encomendou o assassinato.
30 de setembro	É possível derrotar a guerra aos pobres.	Os partidos do campo democrático devem estimular um amplo debate em torno de saídas para a crise

		social que atinge o país.
23 de setembro	É preciso acabar com a hipocrisia de chamá-las de “balas perdidas”. São balas assassinas.	A morte de Ágatha despertou de maneira especial a consciência e até a linguagem dos excluídos daqueles bairros deixados à própria sorte.
23 de setembro	As lágrimas por Ágatha no Complexo do Alemão, onde crianças se habituaram a fugir de tiros.	Velório da menina de oito anos, morta com um tiro de fuzil nas costas durante operação policial, reúne centenas de moradores, ativistas e artistas no Rio. "Nossa luta só está começando", discursa o avô.
22 de setembro	Os ‘times do povo’ que rejeitam o próprio povo.	Torcedores alardeiam tamanho de torcida ao passo que clubes repelem as bases populares.
16 de setembro	Geovani Martins: “Percebi que era negro na Flip, porque era o único”.	Escritor conseguiu vender 50.000 exemplares do seu primeiro livro, ‘O Sol na Cabeça’, que já ganha edições em outros países, descrevendo uma galáxia desconhecida que fica logo ali na esquina.
15 de agosto	As cartas das crianças da Maré: “Não gosto do helicóptero porque ele atira e as pessoas morrem”.	Crianças do Complexo de Favelas da Maré descrevem horror da vida sob fogo cruzado em mais de 1.500 cartas enviadas para a Justiça do Rio, que restabelece regras mínimas para operações policiais no local. Seis jovens morrem nos últimos cinco dias em outras comunidades fluminenses.

Fonte: Site El País Brasil

As informações veiculadas no site do El País Brasil mostram que o direito à vida, à liberdade e à segurança da população negra brasileira, é desrespeitado com frequência. As denúncias das violações aos direitos humanos, o genocídio do povo negro e a violência policial eram pautas recorrentes da ação política de Marielle Franco.

Conforme Castro; Borges (2017, p.08) dentre as desigualdades simbólicas, existe um cenário que merece destaque: “os dilemas vivenciados

pela classe média negra, pois, uma vez que, em geral, sujeitos com trajetórias marcadas por posições de privilégio, poder e prestígio parecem ter estado fora da literatura clássica sobre o tema.” Ângela Figueiredo (2004) complementa afirmando que essas trajetórias acabam não sendo registradas porque existe uma desconfiança com relação aos negros de classe média e resulta em três importantes fatores:

[...] 1) do baixo percentual de negros em posições sociais mais elevadas; 2) da construção social sobre o negro que o coloca sempre em uma posição econômica e simbólica inferior à dos brancos; e 3) da construção sócio-antropológica da categoria negro que tem construído uma incompatibilidade entre ser negro e poder desfrutar dos bens associados à modernidade. (FIGUEIREDO, 2004, p.202)

Figueiredo (2004, p.202) explica que existe uma ressonância ou uma interpenetração das construções sociais originalmente formuladas em diferentes lugares e por diferentes agentes, ou seja, as ciências sociais e o senso comum estão em perfeita consonância no que se refere ao entendimento sobre o “lugar dos negros” na sociedade brasileira.

Os processos de estereótipo, preconceito e discriminação racial resultam de um modo de interação particular entre condições socioeconômicas, políticas e contextos culturais. Para compreendê-los, é necessário ir além da descrição das experiências individuais de cada indivíduo e levar em conta os marcadores sociais da diferença, que têm produzido desigualdades de gênero, raça e sexualidade, e os mecanismos pelos quais estes se reproduzem no âmbito das relações.

Eles permitem uma maior aproximação entre os responsáveis pela origem e manutenção de determinados grupos sociais à margem dos bens simbólicos e materiais nas sociedades contemporâneas. Monteiro; Vilela; Soares (2014) argumentam que o entendimento das implicações que os estereótipos de gênero, da homofobia, do racismo e demais formas de violação dos direitos humanos nas diferentes esferas da vida, fornecem subsídios para as ações voltadas para a garantia de suporte social aos sujeitos estigmatizados, reduzindo sua vulnerabilidade a diferentes agravos.

Muito foi feito nos últimos anos, com o intuito de diminuir as diferenças históricas, como a criação da política de cotas para afrodescendentes em

vestibulares e em concursos públicos. A criação do Estatuto da Igualdade Racial Promulgado em 2010 e a Lei 7.437/1985 que passou a criminalizar atos resultantes de preconceito racial. Infelizmente, mesmo existindo amplos debates das condições do negro no espaço social brasileiro, prevalece à invisibilidade de suas demandas.

As autoras Santos; Gomes (2019, p.03) destacam que em seus discursos, Marielle debatia sobre gênero, as lutas da mulher negra na sociedade e levantam a seguinte questão: “porquê do discurso de Marielle ser tão pouco comum nos debates políticos.”

Para responder a essa pergunta, se faz necessário analisar o atual cenário político. Segundo o site G1, pertencente ao grupo Globo de Informações, nas eleições de 2018 o percentual de candidatos negros cresceu em relação ao último pleito presidencial, em 2014, mas segue abaixo da proporção encontrada na população brasileira. Com a mudança na distribuição (SANTOS; GOMES, 2019) de renda, a diminuição da pobreza, o crescimento de empregos e a formalidade no mercado de trabalho, a última década trouxe melhorias significativas para uma grande parte da população negra brasileira; elevando os rendimentos e o poder de consumo de muitas famílias.

Conforme Castro; Mayorga (2018, p.176) “há negros, que nos últimos anos, têm ocupado as classes econômicas médias e, nesse sentido, têm circulado em espaços de poder e privilégio onde há uma ausência histórica da população negra. Como a universidade pública e em telejornais, por exemplo.”

Figura 11– Segunda mulher negra a apresentar o Jornal Nacional

Aline Aguiar é a segunda mulher negra a apresentar o Jornal Nacional

Em celebração aos 50 anos de Jornal Nacional, Aline Aguiar (MG) e Giovanni Spinucci (MA) apresentam o JN

23/11/2019 - 14:21

Por: Redação



Fonte: Catraca Livre.

Figura 12– Negros são maioria nas universidades públicas no Brasil

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA >

Negros são maioria nas universidades públicas do Brasil pela primeira vez

Pesquisa do IBGE afirma que mudança é reflexo de políticas públicas que proporcionaram o acesso da população preta e parda na rede de ensino. Recém-formada critica falta de docentes negros nos cursos



Fonte: Site El País Brasil.

Castro; Mayorga (2018, p.176) destacam a importância da universidade como espaço sob os quais a discussão das cotas, das ações afirmativas e da democratização do ensino público tem recaído; na medida em que a Educação “como qualquer outra instituição democrática brasileira – foi construída na subalternização e no alijamento dos saberes, das cosmologias e das propostas epistemológicas dos africanos e dos afro-brasileiros”.

O preconceito pode ser definido como uma orientação ou posicionamento afetivo negativo de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduos, perante um grupo social. Ana Célia da Silva (1995) destaca que os preconceitos não podem ser definidos apenas como um conjunto de crenças distorcidas e negativas sobre grupos sociais. Para a autora, os preconceitos estão ligados às práticas e comportamentos discriminatórios frente a membros dos grupos sociais, ligados à sua pertença.

O uso do termo “preconceito” é mais recorrente em estudos relacionados ao racismo, que no Brasil tem como referência conceitual o trabalho de Ana Célia da Silva (1995), no qual ela descreve o preconceito como uma atitude hostil ou aversiva dirigida a uma pessoa ou a um grupo que tenha características consideradas censuráveis socialmente. Silva (1995) considera, como uma das consequências do preconceito, colocar um indivíduo ou grupo de forma desvantajosa em função de comportamentos, modos de vestir, crenças ou outras características que o diferenciem dos grupos dominantes num determinado contexto social.

As atribuições morais depreciativas aos sujeitos em função de suas características corporais, que resultam em processos de estigmatização, tem sido problematizada em pesquisas sobre desigualdades de gênero e cor/raça. Algumas discussões apontam para as relações de poder e hierarquias das estruturas sociais envolvidas nos processos de produção de estigmas.

Trabalhos que abordam a apropriação do conceito de estigma como uma marca indesejável do sujeito, tendem a privilegiar a percepção dos leitores sobre o processo de estigmatização e suas consequências para as interações sociais. Para Monteiro; Vilela; Soares (2014), as interações interpessoais limitam o reconhecimento da função social do estigma, da discriminação e do preconceito na produção e manutenção das desigualdades entre os indivíduos

num determinado grupo social. Para as autoras, a naturalização de fatos sociais podem ser descritas como comportando três movimentos:

Num primeiro, um grupo pretende obter privilégios em relação a outro; num segundo, é acionada uma estratégia de desqualificação do sujeito, a partir da escolha arbitrária de alguma característica corporal como marca da sua insuficiência; num terceiro, esta característica é apontada como causa da insuficiência, de tal modo que o sujeito se torna inexoravelmente situado numa posição de inferioridade (MONTEIRO; VILELA; SOARES, 2014, p. 423).

O processo de naturalização das desigualdades sociais pode estar presente nas crenças de um suposto substrato natural dos sujeitos. Monteiro; Vilela; Soares (2014) relatam que uma prática social não hegemônica, como relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, pode ser entendida como constitutivo do sujeito, o que justificaria o seu alijamento social.

A exclusão do acesso a bens materiais e simbólicos dos que possuem estas características seria uma consequência “natural” de sua inferioridade constitutiva, sobre a qual não cabem dúvidas ou questionamentos; sendo assim, a exclusão ou marginalização social não é percebida como uma tradução de processos sociais para as relações interpessoais, operada por meio da ideologia e de diferentes práticas sociais. (MONTEIRO; VILELA; SOARES, 2014, p. 423-424)

O preconceito racial é uma outra forma de exclusão. Ele é entendido como resultante de valores sociais, normas e crenças, como fatores ideológicos influenciadores do comportamento segregador. O preconceito é concebido não apenas de características psicológicas individuais, mas, sobretudo, como o produto das relações de poder entre grupos.

As constantes mudanças nas formas de concepção do preconceito (causas, consequências, onde e como persiste), e a identificação de novas formas de sua expressão, colocam o preconceito racial como um grande problema social que deve ser amplamente debatido e tratado na busca por soluções.

Os estereótipos estão presentes em nossa sociedade e são criados, reinventados, reforçados e transformados diariamente. A literatura e a pintura serviram como canal para difundir essa visão distorcida do “outro.” A visão negativa e simplificada do povo negro, tidos como: Selvagens, feios, sujos,

maus e desonestos; criando-se assim o bem branco e o mal negro. Para Silva (1995) o estereótipo pode ser considerado da seguinte forma:

[...] uma visão simplificada de uma pessoa (ou de um grupo de pessoas) que constrói uma ideia negativa a respeito de outra pessoa (ou de um grupo de pessoas) seja pelo pertencimento étnico-racial, pela religião, pela classe social, pela opção sexual, pela idade, etc. dessa outra pessoa. (SILVA, 1995, p.43)

O estereótipo pode ser definido como um carimbo, a partir do qual a pessoa é vista por meio de uma marca, sem importar o que realmente ela seja. Estas visões simplificadas surgem a partir de “julgamentos em que o indivíduo acaba eternizando um conceito negativo de inferioridade sobre o 'outro” (SILVA, 1995. p.43).

Frases presentes no cotidiano que representam estereótipos vinculados aos negros como: “Ele é negro, mas tem força de vontade”, “Negro quando não faz alguma coisa errada na entrada, erra na saída”, “As nuvens negras vão trazer coisas ruins,” “Lá vem o Macaco”, entre tantas outras. Os estereótipos, carregados de valores e estigmas, muitas vezes levam a prática do preconceito. Neste sentido, Silva (1995) define o preconceito como uma opinião preestabelecida, produzida pelo meio que circula, pela época e educação.

Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade. Ao regular, ele permeia toda a sociedade, tornando-se uma espécie de mediador de todas as ações humanas. Ele pode ser definido também como uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. Aqui está uma lista de alguns preconceitos clássicos, que estão bem inculcados em nosso cotidiano: Toda sogra é chata, todos os homens são fortes, toda mulher é frágil, todos os políticos são corruptos, toda criança negra vai mal na escola, o negro é burro, toda loira é burra. (Silva, 1995, p.63)

Utilizando o preconceito, atitudes hostis se desenvolvem contra o povo negro, pois é a partir de ideias preconcebidas que se instala a intolerância ao diferente. Nunes; Camino (2011, p.136) entende o preconceito racial como resultado de “crenças, normas e valores sociais, como fatores ideológicos influenciadores do comportamento segregador. É nesse sentido que se concebe o preconceito, não como decorrente de características psicológicas

individuais, mas, sobretudo, como o produto das relações de poder entre grupos”.

São diversos os estudos que mostram o caráter racial das desigualdades sociais, menor acesso à educação, ao emprego digno, à saúde e à representação política, todas dimensões importantes e significativas de direitos que vêm sendo afetadas pelos marcadores de diferença, em se tratando do fato de que sua universalidade esteja formalmente garantida.

O discurso midiático tem um papel de destaque na comunicação, pois é por meio dele que adquirem-se informações, conhecimentos e, principalmente, formam-se opiniões. A comunicação de massa, hoje, atua como um dos principais meios de transmissão e construção de ideologia. Van Dijk (2008) ressalta que não é qualquer concepção que é transmitida, mas a das elites simbólicas ou elites dominantes: os fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, crenças, atitudes, normas, das ideologias e dos valores públicos.

3.2 INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMO NEGRO

- **Posso falar com a sua patroa? - Eu sou a dona da casa**
- **Quanto custa isso? - Não sei, eu não trabalho aqui**
- **A que horas chega a médica? - Eu sou a médica.**
- **Você é a babá dela? - Não, eu sou a mãe dela.**
- **Agora tudo é racismo...**
- **Você não é tão “escura” para se considerar negra...**

Esses diálogos são reais. Eles aconteceram e acontecem com as mulheres negras quase todos os dias. É comum que mulheres negras não sejam vistas ocupando os espaços públicos como namoradas, hóspedes, clientes de lojas de roupas de marca, mães, professoras e pesquisadoras. Mulheres negras são constantemente tidas como babás, empregadas domésticas, acompanhantes e prostitutas, trabalhos socialmente desvalorizados e geralmente mais voltados ao corpo.

Conforme Brah (2006) os discursos sobre o corpo foram decisivos para a constituição dos racismos. Para a autora o poder racializado opera em e por

meio dos corpos. O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo, visto que é um símbolo explorado nas relações de poder, com o intuito de classificar e hierarquizar diferença entre grupos.

Embora os modos precisos como esses conjuntos heterogêneos de pessoas foram racializados não tenham sido idênticos, a condensação do binário branco/não-branco nesse discurso construiu a equivalência e similaridade de experiência, na medida em que enfrentavam práticas de estigmatização, inferiorização, exclusão e/ou discriminação em arenas como emprego, educação, moradia, meios de comunicação, sistema de justiça criminal, aparato de imigração e serviços de saúde. (BRAH, 2006, p. 333)

Para Simone de Beauvoir (1980) a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem, por meio do olhar do homem.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1980, p.99).

Buscaremos apresentar debates suscitados pelo feminismo negro estadunidense (COLLINS, 2017; DAVIS, 2016), destaque especial para Collins (2017, p.06) que relata que as narrativas contemporâneas relativas à emergência da interseccionalidade ignoram, com frequência, a relação desta com as políticas feministas negras dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos.

Para a autora, essas mulheres mostraram que nos episódios de violência doméstica está intrínseca as condições de gênero, cor e orientação sexual. Collins (2017) complementa dizendo que para o movimento de mulheres negras, realizar uma análise utilizando apenas o gênero como prisma, seria uma análise incompleta.

Collins (2017) afirma que é tentador conferir às mulheres afro-americanas a descoberta de um pensamento interseccional ainda não nomeado, mas lembra que é importante destacar que nos

[...] Estados Unidos as mulheres afro-americanas faziam parte de um movimento mais amplo de mulheres, em que mexicanas e outras latinas, mulheres indígenas e asiáticas estavam na vanguarda de reivindicar a inter-relação de raça, classe, gênero e sexualidade em sua experiência cotidiana. (COLLINS, 2017, p. 08).

Para Carneiro (2011) coube as mulheres negras e latinas o desafio de introduzir o tema de gênero nos argumentos e movimentos de raça e classe, composto em sua maioria por homens negros e pobres. Tiveram também o deságio de inserir os temas de raça e classe junto aos movimentos feministas que avançavam somente com a discussão de gênero, composto em sua maioria por mulheres brancas e de classe média. Conforme Teixeira (2019, p.141) foram essas mulheres que colaboraram para promover a interseção entre “os movimentos, base que forjou o pensamento sobre a interseccionalidade nos tempos atuais. Inclusive porque elas produziram conhecimento sobre a temática e muitas levaram essa discussão para a academia como estudantes ou docentes.”

Conforme Collins (2017) as discussões referentes a interseccionalidade se deu primeiro com a nomeação desse campo, havendo uma “política de costura” com o intuito de registrar que o termo fora criado pela intelectual feminista Kimberlé Crenshaw, em 1989. O grande volume de literatura presente na língua inglesa pode indicar que a expressão interseccionalidade tenha sido criada para denominar a correlação das relações de poder de raça, classe e gênero.

O conceito interseccionalidade vem sendo usado em discussão em torno das especificidades das mulheres negras, principalmente entre as intelectuais negras do Brasil e dos EUA. Crenshaw não foi considerada uma ativista, pois era advogada e teórica crítica familiarizada com o trabalho por justiça social.

Interseccionalidade, segundo Crenshaw (2002, p.177) seria “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”.

O conceito foi proposto a partir do texto “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativa ao gênero” (2002), criado durante a III Conferência Mundial contra o Racismo, realizada em Durban (África do Sul) em 2001. Crenshaw (2002) relata que o objetivo do documento foi sugerir um protocolo provisório para melhor identificar as variadas formas de subordinação que refletem os efeitos interativos das

discriminações de gênero e raça. Para Vigoya (2016, p. 05)¹³ Crenshaw tinha como objetivo mostrar que, nos Estados Unidos, as mulheres negras ficavam expostas à “violência e discriminação tanto por raça quanto por gênero e, acima de tudo, procuravam criar categorias jurídicas específicas para enfrentar a discriminação em níveis múltiplos e variados.”

A intenção da autora era fazer emergir a necessidade de as instituições de direitos humanos assumirem a responsabilidade em lidar com as causas e consequências de tal discriminação. Ainda de acordo com Kimberlé, ao longo da década de 90, os resultados do ativismo de mulheres, tanto nas conferências mundiais como no campo das organizações de direitos humanos, trouxeram um consenso de que os direitos humanos das mulheres não deveriam se limitar às situações onde seus problemas se parecessem aos vivenciados pelos homens. Teixeira (2019, p.141) destaca que é importante lembrar que “os pontos de origem sobre interconexões são de fundamental importância para frisar que ele começa no seio dos movimentos sociais e que também existiram outras produções anteriores às produções de Crenshaw.”

Para Crenshaw (2002) é importante destacar que não é possível considerar a interseção entre as categorias de gênero, raça e classe nas análises para a promoção de justiça social. Para a autora, esse interesse pela interseccionalidade tem início com uma experiência particular, onde foi experimentada a separação entre gênero e cor.

Conforme Vigoya (2016), no Brasil, os debates políticos mostrando os problemas enfrentados por mulheres negras começaram a ser levantados a partir da década de 1960. Ativistas e intelectuais como

Thereza Santos, Lélia González, Maria Beatriz do Nascimento, Luiza Bairros, Jurema Werneck e Sueli Carneiro promoveram a teoria da tríade da opressão “raça-classe-gênero” para articular as diferenças entre mulheres brasileiras que o discurso feminista dominante pretendia ignorar. (VIGOYA, 2016, p.05) Tradução nossa.

¹³Texto original: Com esta noción, Crenshaw esperaba destacar e llecho de que em Estados Unidos las mujeres negras estaban expuestas a violências y discriminaciones porrazones tanto de raza como de género y, sobretudo, busca bacrear categorias jurídicas concretas para enfrentar discriminaciones em múltiples y variados niveles.

Para Franco (2017, p. 90) as violências sofridas por mulheres negras e racializadas ainda são pouco viabilizadas, discutidas e enfrentadas. A autora destaca que existem “desigualdades que marcam as mulheres faveladas e negras em relação às mulheres que estão em outros grupos sociais, como a classe média e as que não vivem do seu próprio trabalho.” Para Lima (2018, p.68) essas mulheres são marcadas pelo “silêncio e pela dor, suas histórias são atravessadas por diferentes formas de violências que vão desde as práticas discursivas injuriosas ao estupro corretivo, espancamentos e assassinatos.”

Para Franco (2017) diversos aspectos colocam as mulheres negras faveladas em diferentes escalas de desigualdades sociais, econômicas e culturais.

1) local de moradia com poucos equipamentos do Estado e sem realidade de transportes em tempo e condições com menos investimentos, independente se afastados das localidades que agrupam o maior número de equipamentos de estudo, artes e trabalho, o que gera impacto nos tempos utilizados para estudo, trabalho, lazer e vida familiar; 2) a diferença de condições na classe, pois, ainda que sejam todas trabalhadoras, vivem efeitos e consequências diferenciadas impulsionadas por precários direitos trabalhistas e contratos de trabalho; 3) a exposição a situações de violência letal e de discriminação, com grande impacto de estigmatizações; 4) a potência criativa e inventiva, motivada pela necessidade de superar as condições objetivas e para conquistar espaços distintos de convivência na cidade que se materializam no campo das artes, da educação, em atuações políticas e em formas de trabalhos diversos para suas subsistências. (FRANCO, 2017, p. 90).

A violência contra a mulher no Brasil, aos poucos, vem ganhando maior visibilidade, principalmente após tipificar o feminicídios como crime. Segundo a Lei Federal 13.104/2015, que alterou o código penal, no artigo 121, passou a tratar o feminicídio como “ato contra a mulher por razões de sexo feminino”, considerando razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve a violência doméstica e familiar e o menosprezo ou discriminação à condição de mulher (idem, I e II). A Lei 13.105/2015 também altera a lei de crimes hediondos (Lei 8072/1990), tipificando o feminicídio como um desses crimes.

A interseccionalidade pode ser considerada ferramenta analítica que favorece mapear as situações de opressão, por conta da condição humana quanto ao gênero, raça e orientação sexual, discriminadas em uma sociedade

racista, sexista e homofóbica. Para Lima (2018) Marielle Franco teve uma experiência interseccional, pois militava de forma integral, como mulher, pobre, negra e com uma relação homoafetiva.

As mulheres negras têm seu corpo subjetivamente atravessado, entre outros, por três eixos de opressão que atuam com muita força: raça, gênero e sexualidade, marcando uma tripla opressão que, ao ser coadunada com outros marcadores categoriais como classe, geração, território, entre outros, intensifica os processos de exclusão. (LIMA, 2018, p. 68).

Segundo o Atlas da Violência 2019, em 2017, aconteceram 65.602 homicídios. 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil eram negras. O mapa da violência contra a mulher, mostra que 4.936 mulheres foram assassinadas em 2017 – maior número em 10 anos. Entre elas, 66% das vítimas eram negras.

Expandindo a pesquisa, se percebe que a base dessa discussão, apenas no Brasil, ainda na década de 1980, iniciou com Lélia Gonzalez. A autora indagava a sociedade e a academia, quanto às desvantagens e os privilégios sobre a raça, classe e o sexo (o termo “gênero” não era tão usual como nos debates atuais).

Teixeira (2019) destaca que existe outro tipo de violência contra a mulher que é velada em nossa sociedade, o lesbocídio. O autor explica que o lesbocídio é um homicídio por ódio às lésbicas, que no

[...] país ainda não é tipificado como crime. Esse termo é utilizado no Dossiê sobre o Lesbocídio no Brasil: de 2014 a 2017 (PERES, SOARES & DIAS, 2018), para ressaltar que o Brasil é negligente com relação ao processo de investigação, proteção e prevenção de violência contra as mulheres lésbicas. Essas são tratadas com descaso nos espaços públicos de promoção e garantias dos direitos, onde possam fazer suas denúncias enquanto lésbicas e requererem proteção contra o ódio e repulsa, por conta de sua condição. (TEIXEIRA, 2019, p.12)

Conforme Freitas (2018) o legado das lutas das mulheres negras ganha ainda mais força ao se deparar cotidianamente com a vulnerabilidade e às agressões sofridas no trabalho, na rua, em casa e via meios de comunicação.

Em um misto de racismo, misoginia e pobreza. Segundo o Atlas da Violência 2018 (IPEA; FBSP, 2018), em dez anos (2006-2016), o número de mulheres negras assassinadas no país, por 100 mil habitantes, teve um aumento de 15,4%. Já entre mulheres não

negras, o percentual teve uma queda de 8%, no mesmo período. Considerando-se que, em 2016, 4.645 mulheres foram mortas, a taxa de homicídio entre as mulheres negras (5,3 a cada 100 mil) e não negras (3,1 a cada 100 mil) apresentam uma diferença de 71%. (FREITAS, 2018, p. 151-152).

O silenciamento feminino reflete-se conforme as histórias de subordinação das mulheres por meio do homem branco, heterossexual, com o pensamento de que a opressão e a exploração das mulheres são reveladas, por meio, da relação gênero-sexo, feminino e masculino produzidos culturalmente. Para Oliveira (2019, p.166) a “origem da concepção gênero-sexo está relacionado tanto à cultura quanto ao biológico.” A autora destaca que a construção de gênero se dá na cultura, quando se atribuiu um valor ao gênero masculino como forte e superior e ao gênero feminino como meiga e frágil.

Após essa construção, criou-se o sentido de subordinação das mulheres pelos homens, pois os sistemas gênero-sexo são conhecidos historicamente nessa relação masculino e feminino, revelando a opressão, exploração e silenciamento das mulheres pelos homens.

Com isso, criou-se o sentido de subordinação das mulheres pelos homens. Porque os sistemas gênero-sexo historicamente realizados nessa relação masculino e feminino revelariam a opressão, exploração e “os silêncios” das mulheres pelos homens. Para Oliveira (2019, p.166) a autora Djamila Ribeiro, em sua obra “Quem tem medo do feminismo negro”, mostra que “a interseccionalidade é trazida na obra como forma de compreender as opressões de forma articulada.”

A violência contra a mulher faz parte de um sistema de opressão, produzido por um conjunto de instituições de determinada sociedade que se utiliza de um poder e de seus mecanismos próprios para atacar e até mesmo eliminar sujeitos. Para Teixeira (2019) existem determinados grupos sociais que sofrem diversos tipos de opressão, apenas por serem “seres humanos”.

Eles passam com suas marcas indeléveis da violência, que são imperceptíveis em alguns serviços públicos, ou em determinados movimentos sociais. Mas essas mesmas marcas saltam aos olhos dos opressores, que desferem mais uma vez a violência contra esses sujeitos, para desumanizá-los. (TEIXEIRA, 2019, p.147.)

A interseccionalidade pode ser considerada um instrumento, que tem como objetivo analisar e as formas de opressão e a interseção entre elas. Para Teixeira (2019) não é possível fragmentar o sujeito que é mulher, pobre, negra, lésbica, candomblecista, nordestina e com deficiência. Para valorizar os diversos seres humanos presentes na sociedade é de extrema importância que os movimentos sociais e os serviços de promoção de defesa e garantia dos direitos, os conheçam como seres plurais.

O racismo, machismo, xenofobia, intolerância religiosa, a homofobia e o preconceito com as deficiências, se entrecruzam na vida de um único sujeito, mas infelizmente são raras as vezes em que se percebe ações que combatam tais violações de maneira interseccional.

Por isso, é importante praticar o exercício de um olhar que procure pensar nas interseccionalidades como forças atuantes em nossas vidas e em nossas trajetórias de existência.

4 CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NOS COMENTÁRIOS DO TWITTER

Antes que se explique o processo metodológico, a construção de categorias e as análises desenvolvidas nessa pesquisa, apresentaremos informações importantes referente o caso Marielle Franco e seus desdobramentos no Twitter, que firmam o campo empírico dessa investigação.

4.1 PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS COMO PROTAGONISTA NO CASO MARIELLE FRANCO

Os últimos anos foram marcados por inúmeros acontecimentos que renderam engajamento nas Redes Sociais Digitais. Para Henn (2018) com o uso e apropriações das Redes Digitais, os cidadãos estão deixando de ser apenas receptores das informações, e passando a assumir o papel de criar e pensar em novos movimentos sociais.

Trata-se de acontecimentos que, na condição de expressões contemporâneas da cibercultura, constituem-se em redes digitais e geram narrativas de natureza convergente e transmidiática: sua potência vincula-se ao nível de afetação que propulsiona, intensificada pela experiência desse acontecer em rede. (HENN, 2018, p.6)

Os atuais processos de recepção estão passando por transformações para dar conta das diversas realidades existentes e é nas práticas jornalísticas que as etapas dos processos podem ser entendidas como atividade interpretante: a pauta para apuração de uma notícia é um signo que será ampliado na atividade interpretante do repórter, do editor e depois do usuário no contato com a notícia, produzindo repercussão social (HENN; HÖEHR; BERWANGER, 2012).

Conforme citado no primeiro capítulo, a rede abrigou o debate sobre as motivações para o assassinato da parlamentar que se tornaram objetos de disputas de sentidos, especialmente entre os usuários que acreditavam que Marielle fora vítima da violência local e os que deduziam ser perseguição política a uma ativista dos direitos humanos.

A disputa de sentidos advinda dos comentários foi analisada via Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais, metodologia do grupo LIC – Laboratório de Investigação do Cibercontecimento, cadastrado no CNPq e pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Com inspiração na cartografia, essa metodologia tem como objetivo entender sentidos inaugurados em torno de algum processo empírico que se constituem em redes digitais e refletir, por meio de teorias específicas, sobre o corpus constituído em nível exploratório e qualitativo. A metodologia também é utilizada para análise de cibercontecimentos, que apresenta pressupostos semióticos, como os conceitos de semiose e semiosfera (HENN, 2015).

Após a morte da vereadora, além do Rio de Janeiro, manifestantes começaram a organizar, pelas redes digitais, protestos em outras cidades do país como: São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Manaus e Natal.

Em Porto Alegre, na descrição do evento que aconteceu no dia 15 de março de 2018, na Esquina Democrática, dizia “POA - SOMOS TODOS Marielle! Não nos calarão.” O convite na rede social contava com a confirmação de 4.600 pessoas. “A vida de Marielle não foi em vão. Ela viverá nas nossas lutas e lembranças. Marielle Franco, presente!!! Não nos calaremos! Chega de genocídio negro!”, dizia a descrição do evento no Facebook.

Figura 13– Ato em homenagem a Marielle Franco



Fonte: Facebook

No dia do evento o site do jornal Sul 21¹⁴ anunciava “Esquina Democrática tem ato por Marielle.”

Figura 14 – Ato em homenagem a Marielle Franco



Fonte: Jornal Sul 21

A partir da profusão de informações, uma disputa de sentido referente à morte da vereadora começou a circular. No dia 15 de março, o site do jornal El País Brasil noticiava “Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras.” No mesmo dia o site da Revista Fórum noticiava “Marielle Franco, vereadora do PSOL, é executada no Rio de Janeiro.”

É importante ressaltar que as ações concretas, que deram origem as mobilizações sociais, motivadas por determinadas articulações, geraram signos. Henn; Höehr; Berwanger (2012) explicam que

[...] a semiose é a ação do signo em todos os seus desdobramentos, não apenas o que se estabelece na fruição de um signo qualquer com um provável intérprete, mas também o conjunto de atividades semióticas anteriores à sua produção específica com todos os potenciais sentidos produzidos numa perspectiva muito ampla de tempo.” (HENN; HÖEHR; BERWANGER, 2012, p.105).

Para Henn (1996) as notícias concentram em si a força propulsora da semiose. O autor explica que o irromper da sua existência desdobra-se em infinitas possibilidades de desvendamento do objeto em que encarna. Peirce, entre as diversas interpretações sobre o signo, explica que existe uma relação

¹⁴O Sul21 é um jornal veiculado exclusivamente na internet, dedicado prioritariamente ao noticiário político. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/institucional/>> Acessado em: 08 junh. 2019.

triádica de um objeto que se traduz em signo e que, a partir dessa tradução, gera novo signo, um interpretante que, por sua vez, gera outros de forma potencialmente infinita. No caso em tela, o acontecimento já se desdobra em semioses multiplatafórmicas que envolvem portais jornalísticos e redes sociais.

4.2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

O processo de construção de uma pesquisa implica em trabalhar com a utilização de métodos para o desenvolvimento de um estudo, o qual deve apresentar algum significado para a sociedade. É preciso ter um objeto, desenvolver uma problematização, realizar investigações e tencionar os objetos analisados durante o processo.

Fazer ciência não é apenas cruzar dados e teorias. É necessário explorar novas formas de apresentar o que já está pronto. Investigar, pensar, testar, discutir e, revistar tantas vezes forem necessárias as teorias, afinal, tudo pode mudar a qualquer momento. Pesquisar nem sempre é tranquilo. Abdicamos de momentos importantes para chegarmos ao objetivo proposto. Para Bachelard (2001, p.197) o trabalho científico exige que o investigador crie dificuldades. O autor destaca que é “essencial criar dificuldades reais, eliminar as falsas dificuldades e as dificuldades imaginárias”. O objeto que construímos nessa pesquisa já é, por natureza, mutável. Nesse sentido, o desafio lançado por Bachelard torna-se mais complexo.

Para Henn (1996) o acontecimento, nas práticas jornalísticas, ocupa o lugar lógico do objeto, que implica também na própria transformação em signo. Os acontecimentos formam-se a partir de vínculos, que podem gerar sentidos diversos em seu interlocutor.

As plataformas de redes sociais assumiram importante influência na maneira como as relações sociais se transformam. Plataformas como Twitter e Facebook se encontram no foco das discussões sobre globalização e fluxo de informações. Para Henn, (2018, p.9) “a consolidação dos sites de redes sociais e dos smartphones, associadas às tecnologias 3G e 4G, intensificam as dinâmicas de conectividade e aprofundam as transformações em curso.”

Para realizar a análise dos sentidos produzidos a partir dos comentários feitos por usuários no Twitter, tendo como base exploratória as perguntas da jornalista Eliane Brum, serão utilizadas as técnicas já mencionadas.

A Análise da Construção de Sentidos em Redes Digitais permite diferentes formas de abordagem. Neste trabalho, buscaremos entender os sentidos gerados num contexto de uma Rede Social Digital. Ou seja, a pergunta feita pela jornalista no Twitter aciona um processo de produção de sentido, por meio dos comentários feitos pelos leitores que geram o que entendemos como semiose. A partir desta disse, buscaremos entender quais sentidos são produzidos a partir das interações entre o usuário e a jornalista na pergunta feita no Twitter.

Para identificar os processos presentes nos comentários, Henn (2013, p.91) propõe um “mapeamento dos processos constitutivos destes signos e de suas respectivas semioses na intensa transformação acontecimento/signo/interpretante/signo que se dá no ambiente da web.”

A Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais apresenta três movimentos: o de mapear e identificar, o de agrupar as constelações de sentidos (neste trabalho chamamos de categorias) e o desenvolvimento de inferências. Em mapear e identificar, o foco está na exploração e captura de dados. Na sequência são criadas as categorias e, em inferências, o desdobramento e a problematização dos sentidos categorizados na análise. Essa problematização desenvolve-se com a identificação dos marcadores sociais da diferença presentes nos comentários já categorizados. Explicamos, a partir daqui alguns movimentos metodológicos que foram articulados visando a construção do *corpus* da pesquisa.

Para o exame de qualificação foram escolhidas as interações geradas, a partir das seguintes perguntas: Quem mandou matar Marielle e Anderson? “Quem mandou matar Marielle? Quem matou Anderson? Quem mandou matar Marielle?” e “Quem matou Marielle? E por quê?”. A escolha dos dias em que os materiais foram coletados, foi feita de forma aleatória. Escolhemos os dias 08 (25 dias), 09 (26 dias) 10 (27 dias), 11 (28 dias), 12 (29 dias) e 13 (30 dias) de abril de 2018, e dia 12 (364) de março de 2019.

Para a dissertação, escolhemos manter duas perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e quem “Quem matou Marielle? E por quê?”. Os dias coletados foram: 08 (25 dias), 09 (26 dias) 10 (27 dias), 11 (28 dias), 12 (29 dias) e 13 (30 dias) de abril de 2018, e dia 12 (364) de março de 2019.

4.3 CATEGORIZAÇÃO DE INTERAÇÕES

A categorização proposta foi elaborada a partir dos comentários feitos pelos usuários na pergunta da jornalista Eliane Brum, na sua conta pessoal da Rede Social Digital Twitter. A formulação teve como base os comentários observados e as classificamos como:

- Bolsominion*
- Comoção,
- Deslegitimação / Contraponto com outros crimes,
- Incredulidade,
- Indagação,
- Ironia,
- Ironia reacionária,
- Milícia,
- Ofensa à jornalista,
- Suposição.

A partir da classificação dos 213 comentários em que a interação foi realizada pelos usuários obtivemos o seguinte levantamento.

Tabela 2 - Categorização dos comentários

Categoria	Comentários
Bolsominion	19
Comoção	21
Deslegitimação / Contraponto com outros crimes	77
Incredulidade	25

Indagação	8
Ironia	10
Ironia reacionária	8
Milícia	14
Ofensa à jornalista	06
Suposição	25

Fonte: Tabela criada pelo autor

Conforme Henn (2013) todo o indivíduo é afetado por algo, por isso, é importante destacar que, a afetação faz parte da natureza do acontecimento e está por trás das categorias analisadas. Podemos perceber que o leitor comenta uma publicação por se sentir afetado pelo questionamento.

4.4 CLASSIFICAÇÃO E ANÁLISE DAS INTERAÇÕES

Para realizar a análise, destacamos os sentidos acionados nos comentários dos usuários. As categorias serão apresentadas em ordem alfabética. Após descrever cada categoria serão apresentados os comentários dos usuários e as análises.

4.4.1 Bolsominion

Expressão pejorativa designada aos seguidores que estão alinhadas com os ideais e crenças do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Principalmente nas Redes Sociais Digitais, os bolsominions são conhecidos por discursos de ódios contra homossexuais, negros e feministas. Em diversos casos, as referências escondem algo mais profundo do que apenas propagar o ódio: um desejo reprimido de ser o outro.

Comentário 01: 12 de março de 2019 – 364 dias

- Queremos saber quem mandou matar @jairbolsonaro, Marielle foi queima de arquivo, estava envolvida com narcotraficantes. Quer apostar.

Comentário 02: 12 de março de 2019 – 364 dias

- Quem mandou matar o Bolsonaro? Ou essa é sua única dúvida? Ah se matou a Marielle mesmo tem que ser preso não tô defendendo assassino não, porém se essa for a sua única dúvida vc esta

Comentário 03: 12 de março de 2019 – 364 dias

- Queremos saber quem mandou matar @jairbolsonaro, Marielle foi queima de arquivo, estava envolvida com narcotraficantes. Quer apostar.

Comentário 04: 12 de março de 2019 – 364 dias

- E quem mandou matar Bolsonaro e pq? Quem paga os advogados do Adélio?

Marielle representava a mulher negra pertencente à comunidade LGBT. Sua posição política era de resistência. Lutava pelo reconhecimento da igualdade dos povos nas favelas. Deu voz a quem era silenciado.

No caso de Marielle, Bolsonaro ficou em silêncio. O candidato sempre demonstrou pouca consideração pelas agressões sofridas por seus adversários.

No dia 06 de setembro, Jair Bolsonaro levou uma facada em ato de campanha, enquanto cumpria agenda em Juiz de Fora, Minas Gerais. O autor do nebuloso atentado, Adélio Bispo de Oliveira, 40 anos, foi preso no mesmo dia e confessou o crime.

A comoção dos eleitores do político também foi grande, e no dia 19 de setembro foi criada hashtag #QuemMandouMatarBolsonaro. Os usuários exigiam explicações sobre o caso. Conforme noticiado no site do Estadão, editoria política, a facada mudou o rumo da campanha de Jair Bolsonaro. A fala de um de seus filhos foi “vocês acabaram de eleger o novo presidente.”

Os candidatos à Presidência Guilherme Boulos, do PSOL, Ciro Gomes, do PDT, e seu adversário no segundo turno, Fernando Haddad, do PT, condenaram prontamente o que se entendia como atentado. Não utilizaram

suas diferenças ideológicas para descumprir seu dever enquanto homens públicos em uma democracia.

Menos de um mês após Bolsonaro ter sido atacado em Minas Gerais, candidatos do PSL, num ato de violência, rasgaram uma homenagem à vereadora Marielle Franco, que ganhou de seus simpatizantes um adesivo que simula uma placa em seu nome. A vereadora, mesmo após ser morta continua sendo vítima da violência desproporcional que assola o país.

Os usuários, amparados pelos discursos de ódio de políticos e celebridades, passaram a comparar a morte de Marielle com a tentativa de homicídio de Bolsonaro.

4.4.2 Comoção

Categoria criada para apresentar os comentários que manifestam tristeza, dor e indignação com o assassinato da vereadora, via Redes Sociais Digitais.

Comentário 05: 08 de abril de 2018 – 25 dias

- EU sou porque NÓS SOMOS...

Comentário 06: 12 de abril de 2018 – 29 dias

- #MariellePresente #MariellePresente

Comentário 07: 12 de março de 2019 – 364 dias

- Um ano, um ano pra tu poder respirar e trocar o texto para o próximo passo. Uma das pessoas mais firmes na cobrança por respostas, que orgulho.

Comentário 08: 12 de março de 2019 - 364 dias

- Ufa, até que enfim a guerreira @brumelianebrum pode trocar, ou pelo menos decotar o seu brado de luta. Vamos todos juntos gritar: quem mandou matar Mariele? Por culpa de quem morreu Anderson?

Conforme já citado anteriormente, após a morte da vereadora, além do Rio de Janeiro, manifestantes começaram a se organizar, pela na rede social

facebook, protestos em outras cidades do país como: São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Manaus e Natal.

O assassinato da vereadora também gerou comoção nas redes sociais. No dia 15 de março, acompanhando os atos realizados nas ruas, foi criada na Rede Social Digital Twitter as hashtags #MariellePresente #MarielleVive #MarielleFrancoPresente. Para os usuários que cobram a resolução do caso da vereadora, as desigualdades criadas pela sociedade continuam separando os negros dos espaços de poder.

A criação das hashtag #Mariellepresente, #Mariellefranco, #Nãofiassalto, #Mariellefrancopresente, #Luto e #Andersonpresente, ajudaram a reunir os usuários engajados no assassinato e a localizar as ações relacionadas ao debate.

Segundo informações divulgadas no site da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas (FGV-DAPP)¹⁵ a morte de Marielle Franco mobilizou mais de 1,16 milhão de menções no Twitter.

A jornalista Eliane Brum cobra, diariamente em sua conta no Twitter uma solução para o caso do assassinato de Marielle e de Anderson. É crítica severa do atual governo e no dia em que os assassinos da vereadora foram conhecidos, mudou a pergunta para “Quem Mandou Matar Marielle”.

4.4.3 Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

Categoria que apresenta os comentários que buscam comparar o caso do assassinato da Vereadora com outros casos, tentando deslegitimar a repercussão, como por exemplo, o caso da policial morta em serviço, ou o caso de Celso Daniel.

Comentário 09: 08 de abril de 2018– 25 dias

- Assassinaram outra mulher, mas era branca, loira, de olhos claros, hétero e PM, sem nenhuma “representatividade” que justifique qualquer indignação nacional.

¹⁵ Informações disponíveis no site da GFV DAPP, 2018. Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-116-milhao-de-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>>. Acesso em: 10 Nov. 2019.

Comentário 10: 09 de abril de 2018 - 26 dias

- Acho que todos os funkeiros que ela exaltava ou os bandidos que defendia.

Comentário 11: 12 de abril de 2018 – 29 dias

- Com certeza uma vítima da sociedade branca e opressora.

Comentário 12: 12 de março de 2019 - 364 dia

- Engraçado!. Faz muito tempo que mataram o Celso Daniel!. Vcs da imprensa não fala mais nada, não vejo essa comoção. Quem foi Marielle. Nunca fez nada pelo Brasil...

Em diversos comentários, usuários tentam comparar o assassinato da vereadora Marielle Franco com o do prefeito de Santo André, SP, Celso Daniel, que ocorreu em 2002. O prefeito era uma liderança importante no PT e o acontecimento deixou dúvidas quanto à versão policial de sequestro mal sucedido, que pairam até hoje. Adversários do partido defendem a tese de crime político.

Segundo as investigações, Marielle foi assassinada por milicianos¹⁶ incomodados com a sua atuação na Câmara de Vereadores e Celso Daniel, na época, a Polícia Civil de São Paulo concluiu que o petista foi vítima de um crime comum. Já o Ministério Público de São Paulo (MP-SP), sustentou que houve motivação política. O então prefeito de Santo André teria sido assassinado porque havia decidido acabar com o esquema de propina no transporte, cuja finalidade seria abastecer o caixa 2 do PT. O partido sempre negou as acusações. De qualquer forma, os dois crimes parecem oriundos de motivações bem distintas.

Para Figueiredo (2018) “a sobrecarga de responsabilidades associada ao racismo e às representações estereotipadas sobre o corpo feminino negro tem causado inúmeros prejuízos às mulheres negras, que têm buscado estratégias coletivas como um modo de enfrentamento às desigualdades.” Para

¹⁶ No Brasil, milícia é um grupo de pessoas que realiza patrulhas contra narcotraficantes, geralmente em regiões onde o Estado não está presente com serviços básicos à população – como a própria segurança pública. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/milicias-no-brasil-como-funcionam>>. Acesso em: 07 junh. 2019.

Crenshaw (2004) as discriminações de gênero e de raça operam juntas para criar barreiras ao desenvolvimento de mulheres negras no mercado de trabalho.

A autora identifica que mulheres de pele escura e mais pobres são as mais vulneráveis a violação de qualquer tipo de direitos humanos, por serem mantidas à margem dos espaços privilegiados. Os jovens negros e periféricos não fazem parte das “elites simbólicas”, ou seja, as elites educacionais, escolares, políticas e midiáticas que controlam o acesso à maioria dos discursos respeitados pela sociedade.

Vivemos, atualmente, ao lado de um sistema genocídio da juventude negra pobre, favelada e periférica. Comentários como os dos usuários, criticando o excesso de repercussão dado à morte, ecoaram nas redes sociais, sugerindo que o silêncio seria o melhor caminho. Para Carneiro (2003), a universalização da luta dos movimentos feministas, feita a partir do ponto de vista das mulheres brancas, deslegitima, silencia e nega as mulheres negras, aproximadamente metade da população feminina brasileira. Após importantes estudos publicados por Gonzalez, Carneiro destaca que mulheres negras são rejeitadas no mercado de trabalho, no acesso, em promoções e na ocupação de bons cargos, devido ao eufemismo da “boa aparência”. Afinal, a predileção é por brancas; se forem loiras, melhor.

O movimento feminista brasileiro se recusa a reconhecer que há uma dimensão racial na temática de gênero que estabelece privilégios e desvantagens entre as mulheres. [...] É a consciência desse grau de exclusão que determina o surgimento de organizações de mulheres de combate ao racismo e ao sexismo, tendo por base a capacitação de mulheres negras, assim como o estímulo à participação política, à visibilidade, à problemática específica das mulheres negras na sociedade brasileira, à formulação de propostas concretas de superação da inferioridade social gerada pela exclusão de gênero e raça, à sensibilização do conjunto do movimento de mulheres para as desigualdades dentro do que o racismo e a discriminação racial produzem. (CARNEIRO, 2003, p. 121-122).

Marielle se mobilizava a favor das lutas contra a hierarquização de raça, classe e gênero - inclusive entre as próprias mulheres. Buscava ampliar os direitos das vozes caladas, há muito tempo deslegitimadas e silenciadas. Conforme já citado anteriormente, Marielle em 13 meses de mandato, apresentou 13 projetos voltados para a defesa das mulheres.

4.4.4 Incredulidade

Categoria criada para apresentar os comentários dos usuários que não acreditam que os culpados e mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco sejam reconhecidos e devidamente punidos.

Comentário 13: 08 de abril de 2018 – 25 dias

- Num país onde apenas 8% dos homicídios são solucionados fica difícil ter esperança.

Comentário 14: 11 de abril de 2019 - 28 dias

- Meu amor, vc vai botar a contagem todos os dias e nada será feito, eles não vão desvendar esse mistério nunca!

Comentário 15: 13 de abril - 30 dias

- A primeira vista, podemos pensar que seja a impunidade. Mas, não consigo me convencer de que a causa de qualquer coisa no Brasil seja a impunidade. Ela é consequência. Existe uma causa primeira: O Poder. A impunidade só existe pq favorecer a alguém, a quem está no Poder.

Comentário 16: 12 de março de 2019 - 364 dias

- Porque todo mundo já sabe, porque incomodou o sistema. Quem falta descobrir.

O que vemos atualmente é o surgimento de uma mídia que dá voz a diversos atores sociais. E esse cidadão tem cada vez mais espaços nos veículos de comunicação de massa. E quem nem sempre fala ou escreve fatos verdadeiros.

Os usuários, agora mais participantes em comentários e compartilhamentos se tornaram formadores ou mesmo, replicadores de opinião, muitas vezes influenciados por atravessamento e mediações diversas.

A demora nas investigações do caso da vereadora preocupa não só especialistas, mas também usuários do Twitter. Eles argumentam que o

avançar do tempo é inimigo da resolução do caso, embora muitos argumentem que é preciso haver calma e um trabalho fundamentado, com provas fortes, para então apresentar os verdadeiros culpados.

Muitos usuários admitem a possibilidade de o caso ficar sem solução, mas advertem que as cobranças irão continuar.

No dia 12 de março de 2019, dois dias antes do assassinato da vereadora completar 1 ano, em entrevista coletiva, o delegado titular da Delegacia de Homicídios da Polícia Civil do Rio de Janeiro, Ginton Lages, afirmou que a identificação de possíveis mandantes do crime continuará em aberto para uma segunda fase o inquérito.

Nos comentários é possível ver os usuários acreditam que existam pessoas influentes envolvidas e que eles estão “calando a voz da democracia”. E esperam que as respostas venham, para que o ato não fique impune.

4.4.5 Indagação

Nesta categoria são apresentados os comentários de usuários que procuram entender quem foram os beneficiados com a morte da vereadora.

Comentário 17: 09 de abril de 2018 – 26 dias

- Até quando ficaremos sem resposta?

Comentário 18: 12 de abril de 2018 – 29 dias

- Quem naturaliza a morte de Marielle e do Anderson? A quem interessa o ocultamento da violência denunciada por ela?

Comentário 19: 12 de março de 2019 - 364 dias

- Queremos saber: OS ASSASSINOS DE MARIELLE PODERAO PASSAR O NATAL COM SUAS FAMILIAS? SAIR PARA ENTERROS?

Comentário 20: 12 de março de 2019 - 364 dias

- A dúvida é... vão aceitar a realidade?

As diversas perguntas sobre um suposto exagero na comoção do assassinato da vereadora, que na verdade é muito mais indagação, se interpõem outras, sobre faltas e carências: quantos políticos há no Brasil que nasceram em uma favela? Quantas mulheres saídas de favelas estão na vida pública em câmaras e assembleias? E, dessas, quantas são negras com um mandato representativo em uma cidade grande? Talvez só sobrasse Marielle. Essa representação aumentou após as eleições de 2018.

O sentimento de luto por Marielle passou a ganhar contornos de uma identificação em mulheres negras, militantes, periféricas. Após o seu assassinato Marielle ultrapassou as fronteiras do Rio de Janeiro e multiplicou-se em diversas outras mulheres, passando a ser referenciada como símbolo de luta das mulheres, dos pobres, dos negros, dos favelados e da população LGBTQI.

A partir disso, podemos fazer os seguintes questionamento: qual é a proporção de negros e brancos nas favelas e nas casas de governo e de leis? Qual é a cor do presidio? Qual é a cor do poder? A resposta, conforme já citado anteriormente “a pobreza tem cor no Brasil, e os negros são os mais ameaçados.”

Muitos usuários tentam “igualar mortes”, e essa tentativa sugere um cinismo que só não é geral porque existem pessoas os disseminam por ignorância ou ingenuidade, até porque, segundo algumas pessoas a doutrinação contra o pensamento de esquerda (e tudo o que possa parecer de esquerda, mesmo que não seja) é que está a pleno vapor no Brasil, e não o contrário.

Alguns usuários afirmam que a vereadora Marielle Franco morreu pelas mãos dos bandidos que ela “defendia” e tem quem arrisque ter sido castigo divino por ela se atrever a se envolver com os “direitos humanos de vagabundos.”

4.4.6 Ironia

Categoria criada para apresentar os comentários que manifestam o sentido oposto do seu significado literal. Os comentários mostram os usuários satirizando a contagem feita pela jornalista, censurando a sua atitude.

Comentário 21: 08 de abril de 2018 – 25 dias

- Desconfio que os mesmos que mandaram prender o Lula

Comentário 22: 09 de abril de 2018 – 26 dias

- No caso da vereadora alegam cautela. No caso da sujeira no prédio da Ministra do supremo já levantaram suspeito, placas dos veículos. Esse negócio de vandalismo é foda.

Comentário 23: 12 de março de 2019 – 364 dias

- Eu tenho vizinhos retardados que falam "coiso", "elenao", "bozo" etc., nem por isso a deficiência cerebral deles é contagiosa.

Comentário 24: 12 de março de 2019 – 364 dias

- Essa é a pergunta de um milhão de dólares!

Nos comentários, os usuários ligam o caso do assassinato de Marielle Franco, ao assassinato de Odete Roitman, personagem interpretada pela atriz Beatriz Segall, conhecida por ter uma personalidade forte e que após a morte do marido, virou presidente do grupo Almeida Roitman. Na novela a personagem odiava o Brasil, para onde viajava só em casos de extrema necessidade. Tinha muitos conflitos com a filha Helena, interpretada pela atriz Renata Sorrah, a quem não perdoa por sua fraqueza.

Nos capítulos finais da Novela Vale Tudo, Odete é assassinada por Leila (Cassia Kis) foi daí que surgiu a pergunta "quem matou Odete Roitman"?

Em outro comentário, o usuário acusa a jornalista de ser um bot, que é um programa de computador criado para rodar pela internet realizando tarefas repetitivas e automatizadas. Eles desempenham tarefas pré-determinadas e

podem ser úteis e inofensivos para os usuários em geral, mas infelizmente acabam sendo usados de forma abusiva por criminoso.

4.4.7 Ironia reacionária

Categoria criada para apresentar os comentários dos usuários que negam, mesmo que seja de forma irônica, a existência e a importância de debates referentes a temas ligados a classe, gênero, etnia ou origem regional.

Comentário 25: 08 de abril de 2018 – 25 dias

- Cadê os direitos humanos?

Comentário 26: 09 de abril de 2018 – 26 dias

- Quem mandou matar o cérebro dos esquerdistas?

Comentário 27: 10 de abril de 2018 – 27 dias

- MST mata Boi, jagunço mata gente.

Comentário 28: 12 de março de 2019 – 364 dias

- Pergunta lá na Estação Primeira de Mangueira, lá é cheio de bicheiros e milicianos!!!

“Os direitos humanos servem para defender bandido”. Quantas vezes não lemos ou escutamos frases desse tipo. A cada dia vemos mais deturpado o conceito dos direitos que conferem dignidade a todos os seres humanos para que possamos participar plenamente da vida em sociedade.

Os direitos humanos serve para definir os direitos básicos dos seres humanos, como o direito à vida, à liberdade, ao trabalho e à educação e promover a preservação da dignidade humana. Marielle lutava por esses direitos.

O apoio à defesa dos direitos humanos parece ter transcendido as filiações partidárias nos argumentos que sugeriram a partir da morte de Marielle. O tema, após a sua morte, não poderia deixar de chegar ao centro do debate: era a morte de uma mulher negra, com origem na Favela da Maré – localidade

que serviu de “palco” para uma espécie de prévia da atual intervenção federal sob o controle das Forças Armadas – e que vinha fazendo alarde contra a matança de pessoas. Marielle incomodava e essa foi a sua sentença.

Os usuários do Twitter parecem repetir mil vezes por dia, para si mesmo e para os outros, que esquerdismo é doença, mesmo fazendo parte de uma classe média de orçamento curto, mas que se enxerga como parte da melhor aristocracia do mundo.

Busca atribuir a culpa pelos altos índices de criminalidade aos povos mais pobres, favelados e indígenas. Migrantes vindos de regiões pobres e imigrantes de países miseráveis também se encaixam nesta categoria. Para essas pessoas, os povos mais pobres não conseguem nem reconhecer a generosidade da sociedade que os acolhe.

Pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos em 2018 revela que duas em cada três pessoas acham que “direitos humanos defendem mais os bandidos.” Revela também que embora 63% dos brasileiros se digam “a favor” dos direitos humanos, 21% se manifestam contrariamente à mera existência deles. A pesquisa revela um desconhecimento real sobre a aplicação dos direitos humanos no país. Enquanto 94% dos entrevistados afirmam já terem ouvido falar sobre eles, 50% admitem que gostariam de conhecer melhor a opção¹⁷.

Outra pesquisa mostra que usuários, além de desconhecer a importância dos Direitos Humanos, não sabem o que foi o AI5. “65% desconhecem o AI-5, diz Datafolha; 35% já ouviram falar¹⁸.”

Nesta categoria aparecem também os usuários que discursam favor da pena de morte. “Marielle foi morta porque defendia bandidos”. “Marielle foi morta por burguês, por defender o direito de quem não tinha voz”.

4.4.8 Milícia

Categoria criada para apresentar os comentários dos usuários que afirmam que a vereadora foi morta pela milícia do Rio de Janeiro. Milícia são

17 Pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, divulgada pela site G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/01/65percent-desconhecem-o-ai-5-diz-datafolha-35percent-ja-ouviram-falar.ghtml>>. Acesso em: 06 Jan. 2020.

grupos formados por policiais, bombeiros, Guardas Municipais, Vigilantes, Agentes Penitenciários e Militares, fora de serviço ou na ativa, que a princípio deveriam garantir a segurança contra traficantes, mas que passaram a intimidar a extorquir moradores e comerciantes, cobrando taxas de proteção.

Comentário 29: 09 de abril de 2018– 26 dias

- Mas já todos sabemos foi falado em voz alta foi a PM foi a PM disse o pessoal na manifestação no largo da carioca.

Comentário 30: 10 de abril de 2018 - 27 dias

- A violência no Rio. A milícia. Infelizmente como muitos outros que morrem todos os dias na cidade maravilhosa.

Comentário 31: 12 de março de 2019 - 364 dias

- Estamos a mercê do banditismo mafioso de estado miliciano abalizado pela cúpula mercenária dos poderes, um caso clássico de descalabro generalizado a serviço da guerra híbrida da geopolítica de dominação...-!!-

Comentário 32: 12 de março de 2019 - 364 dias

- Este eh um caso de hominicidio.

Peixe grande, no dicionário informal é o indivíduo que possui algum tipo de poder em relação a outros seres menores. Indivíduo ou ser respeitado dentro de uma hierarquia.

No Rio de Janeiro os milicianos são considerados peixes grandes, pois representam uma forma perversa de plantar o terror e o medo na sociedade. Quando confrontados pelo aparato estatal, eles reagem com ataques severos a bens públicos e ameaçam as autoridades.

Usuários relatam que suas denúncias contra as organizações criminosas que agiam nas comunidades mais vulneráveis serviram como sua sentença de morte. Logo após o assassinato, procuradores do Rio de Janeiro chegaram a aventar a hipótese de que o atentado fora um recado aos militares que comandavam a intervenção. Logo, no entanto, essa hipótese perdeu força. Quando o Exército saiu do Rio, em dezembro último, foi descartada.

Como forma de se impor, os milicianos utilizam do poder, da força. Os usuários, em alguns comentários destacam que no Brasil o Poder tem cor. Ele é branco e machista. É por meio do preconceito que atitudes hostis se desenvolvem contra o povo favelado, pois é a partir de ideias preconcebidas que se instala a intolerância ao diferente.

Tentaram silenciar Marielle Franco. O silenciamento feminino reflete-se conforme as histórias de subordinação das mulheres por meio do homem branco, heterossexual, com o pensamento de que a opressão e a exploração das mulheres são reveladas, por meio, da relação gênero-sexo, feminino e masculino produzidos culturalmente.

Marielle foi morta por dois homens. Dois homens apertaram o gatilho. Um “homicídio” que tentou interromper a sua escalada política, mesmo sem haver ameaças concretas. Um feminicídio político. Em entrevista concedida ao site do jornal El País Brasil, Renata Souza, deputada estadual pelo PSOL no Rio de Janeiro e chefe de gabinete da vereadora Marielle Franco, conceitua o assassinato da vereadora como uma tentativa de interromper a sua escalada política. Para ela, a vereadora foi vítima de um

Feminicídio político parte da observação inquietante da nossa sociedade e o contexto sobre o qual ocorre a execução sumária de uma mulher com carreira ascendente na política. Marielle foi eleita por 46.502 pessoas que compreenderam que toda a sua luta contra as desigualdades sociais, em especial as de gênero, raça e classe, é necessária para que a humanidade não se desumanize. Um recado também assimilado pelo mundo, que conheceu sua vida diante de sua morte. (EL PAÍS BRASIL, 14 DE MARÇO DE 2019.)

Marielle continua representando uma ameaça aos poderes aliados às máfias do Rio. O feminicídio político tem como ponto de partida uma

4.4.9 Ofensa à jornalista

Categoria criada para classificar os comentários que atacam à jornalista Eliane Brum, que acredita que matar uma vereadora eleita a tiros é um passo a frente da violência extrema de um país que convive com o genocídio de jovens negros e indígenas. Para Eliane, o assassinato de Marielle é a entrada do Brasil sobre o vão de um abismo.

Comentário 33: 08 de abril de 2018 – 25 dias

- A puta que te pariu... crime resolvido

Comentário 34: 12 de março de 2019 - 364 dias

- E o presidente vc não quer saber quem mandou matar ele! So responde , haha vai caçar uma trouxa de roupa para lavar aliás todos nos queremos saber não e so vc não..

Comentário 35: 29 de janeiro de 2019 – 321 dias

- Mas vão pra pqp que coisa mais chata . Vão se fude.

Comentário 36: 12 de março de 2019 - 364 dias

- Vergonha na cara nadinha? Curti ai que ela vai pipocando o defunto pra cima e pipoca o defunto pra baixo... Vai curtindo ai... pipoca o defunto pra cima...

Segundo dados levantados pela Unesco, num estudo chamado “World Trends in Freedom of Expression and Media Development” em 2017, só no Brasil, cinco jornalistas foram mortos por exercerem sua profissão, alcançando assim o sétimo país do mundo em número de jornalistas assassinatos.

O estudo revela ainda que no mundo, em média, um jornalista é assassinado a cada quatro dias. E a impunidade nesse tipo de crime também é alta: a cada dez casos, apenas um é resolvido.

Eliane Brum se uniu a artistas e anônimos após o assassinado de Marielle Franco para cobrar uma solução do caso, que tem peso considerável no momento político pelo qual o Brasil está passando, já que, como avaliou o Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ), a morte de Marielle Francisco da Silva pode ser considerada um golpe na democracia.

Sobre a intolerância, a jornalista Eliane Brum, no artigo: Como resistir em tempos brutos. Um manual para enfrentar as próximas três semanas e transformar luto em verbo escreveu que “projetos que não acolham as diferenças, que querem eliminar – e inclusive exterminar – as diferenças e executar aqueles que encarnam as diferenças, estes não cabem na democracia. Porque defender a eliminação dos diferentes, dizendo que não

deveriam existir ou que valem menos que os outros, não é uma opinião, mas um crime”.

4.4.10 Suposição

Nesta categoria são apresentados os comentários de usuários que, possivelmente embasados pelo compartilhamento e divulgação de informações nas Redes Sociais Digitais, criam hipóteses sobre o assassinato da vereadora.

Comentário 37: 08 de abril de 2018– 25 dias

- No início eu suspeitei que o próprio Anderson tivesse haver com o caso, visto que eles sabiam toda a rota dela. Como ele era novo na função, poderia ter contatos com criminosos, vai saber! A morte dele seria queima de arquivo. Tinham 3 pessoas. Eles queriam ela, então pq ele tb?

Comentário 38: 09 de abril de 2018 – 26 dias

- Alguém próximo, que sabia de sua rotina e tinha interesses políticos?

Comentário 39: 12 de abril de 2018 - 29 dias

- Meu palpite! Foi alguém da elite.

Comentário 39: 12 de março de 2019 - 364 dias

- O porquê é fácil demais. É só olhar a trajetória dela.

Infelizmente, Marielle só ficou conhecida pós-morte. Antes de sua execução, pouquíssimos haviam notado o trabalho de denúncia que, como vereadora, fazia contra as arbitrariedades que afetavam os menos favorecidos, os de sua origem – os preferidos pela foice da morte repentina que também a atingiu.

Após os fatos divulgados publicamente, usuários sugerem que teria havido a participação de policiais ou outros agentes da segurança no crime. Sugerem ter sido um crime bem planejado, pois foram usadas armas e munições sofisticadas, as câmeras de monitoramento do local desligada, e a precisão dos disparos com dois carros em movimentos.

Após ser divulgado por veículos de comunicação um possível desaparecimento de provas consolida divergências que não eram novas e diversas especulações de quem seriam as pessoas envolvidas no caso do assassinato da vereadora.

Em um dos comentários, um usuário questiona a participação do Deputado Federal do PSOL, eleito pelo Rio de Janeiro, Marcelo Freixo no desfile da Escola de Samba Mangueira, cujo presidente da agremiação conhecido como Chiquinho da Mangueira, está preso por ter usado propina de Sergio Cabral para realizar o desfile da escola de samba.

Dentre as diversas marcas que representam o Brasil estão o samba e o carnaval. O país, anualmente, por meio de um gênero musical advindo da cultura africana, o samba, ressoa nas ruas. Fazendo valer a fama, como resposta ao atual cenário brasileiro, a Estação Primeira de Mangueira, uma das principais escolas de samba do carnaval Carioca, levou para a Marques de Sapucaí em 2019 o enredo “Histórias Para Ninar Gente Grande”, que tinha como objetivo contar histórias de personagens importantes da história brasileira que foram esquecidos. A Mangueira levou para avenida o rosto de mulheres, tamoios e mulatos que se mostram à margem da história nacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eliane Brum, na coluna “Três histórias reais e uma despedida”, conta como nasceu sua relação com o tempo. A jornalista, que passou sua infância em Ijuí, cidade localizada no Interior do Rio Grande do Sul, lembra que quando alguém, por ventura, esquecia de dar corda no relógio de parede, recebia como missão de seu pai, ir até o centro da cidade, acertar o ponteiro com o relógio da Igreja Evangélica.

A jornalista lembra que após o relógio voltar a funcionar (BRUM, 2015, s/p.), “o coração da casa voltava a bater lembrando que a vida acaba.” O mesmo relógio que outrora “tiquetaqueava marcando o tempo. Marcando as mortes e as estações” marca o tempo em que os mandantes da morte da vereadora não são revelados.

Marielle teve seu mandato interrompido no 14^o mês. 425 dias. Eliane Brum, em sua conta no Twitter cobra por uma solução há 22 meses. 680 dias. Após assumir uma vaga na ALERJ, Marielle teve uma trajetória política breve, mas muito marcante. Foi eleita com um número expressivo de votos. O assassinato da vereadora, se mostrou mais do que um simples homicídio.

Ela representava os anseios dos grupos sociais compostos por mulheres, LGBTTQIs, periféricos e negros que deixaram os espaços de invisibilidade aos quais são relegados. A vereadora nunca foi um “cadáver comum” como muitas pessoas a tratam até hoje. Sua morte representou o auge de uma perseguição política, mostrando como seria o futuro eleitoral do Brasil.

Marielle enfrentou políticos e a polícia, e é provável que isso tenha lhe custado a vida. Com os tiros, um recado foi dado. “A mulher negra que saiu da favela para a Câmara Legislativa foi morta para intimidar quem discorda e denuncia o genocídio negro do Estado, quem acredita e luta por um mundo com menos desigualdade social.” (BLOGFEM, 2018, s/p.)¹⁹

¹⁹ Blog político com temática principal o feminismo e todos os assuntos que a linha editorial acredita perpassar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Trecho retirado do texto intitulado ‘Marielle Franco, presente! Por ela e por todas nós.’ Disponível em: <<https://blogueirasfeministas.com/2018/03/15/marielle-franco-presente-por-ela-e-por-todas-nos/>>. Acesso em: 11 Jan. 2020.

Durante seu mandato, Franco escreveu e assinou projetos com o objetivo melhorar a qualidade de vida de mulheres negras e faveladas, criando programas e campanhas como a de institucionalização do enfrentamento ao assédio e à violência sexual, incorporando datas simbólicas em comemoração à resistência e existência dessas classes. Após sua morte, cinco projetos de lei (PLs) apresentados pela vereadora viraram lei.

Conforme Brum (2015, s/p.), vivemos tempos em que a “boçalidade do mal. Não banalidade, mas boçalidade mesmo”, instaurou no Brasil uma espécie de “espiral de ódio” ou “espiral de intolerância, fazendo com que a “opinião ou a ação ou as escolhas do outro, da qual divergimos, se transforme numa possibilidade de não suportar a existência do outro. E, assim, eliminá-lo [...] seja violência simbólica ou física”, como aconteceu com Marielle Franco.

A internet e principalmente o acesso as plataformas de redes sociais quebrou um pilar fundamental da convivência. Os brasileiros sempre foram atravessados pela violência, mas foi na internet que (BRUM, 2015, s/p.) “cada um passou a expressar em público ideias que até então eram confinadas descobriu, para seu júbilo, que haviam outros que pensavam do mesmo jeito.”

Descobrimos, por exemplo, que aquele vizinho simpático com quem trocávamos amenidades bem educadas no elevador defende o linchamento de homossexuais. E que mesmo os mais comedidos são capazes de exercer sua crueldade e travesti-la de liberdade de expressão. Nas postagens e comentários das redes sociais, seus autores deixam claro o orgulho do seu ódio e muitas vezes também da sua ignorância. Com frequência reivindicam uma condição de “cidadãos de bem” como justificativa para cometer todo o tipo de maldade, assim como para exercer com desenvoltura seu racismo, sua coleção de preconceitos e sua abissal intolerância com qualquer diferença. (BRUM, 2015, s/p.)

A memória da internet impossibilita o esquecimento. Marielle virou semente! Doze meses após sua morte, no Brasil, suas “sementes” tornaram seu grito de guerra realidade, transformando o luto em luta. Começaram a tomar a frente de organizações políticas e movimentos sociais pelos quais ela lutava.

Nos dias atuais, Marielle virou árvore. A vereadora foi homenageada em shows nacionais e internacionais. Virou nome de escola e praças por todo o

mundo. Foi homenageada no desfile da Mangueira, no Carnaval do Rio de Janeiro. Marielle virou “Marielles”.

Dani Monteiro, Mônica Francisco e Renata Souza, todas do PSOL. Três mulheres negras que trabalhavam como assessoras do mandato de Marielle Franco, foram eleitas deputadas estaduais pelo estado do Rio de Janeiro. Elas fazem parte do projeto que a vereadora chamava de “Mulheres na Política.”

Figura 15 – Sementes de Marielle Franco



Fonte: Site Brasil de Fato.

Sua página na internet continua a ser alimentada por pessoas que apoiavam ou passaram a apoiar as pautas defendidas em seu mandato, chamado agora de Mandato Coletivo de Marielle Franco, que juntamente com o PSOL, continuam lutando pela aprovação dos projetos deixados por ela.

Figura 16 - Florescer por Marielle



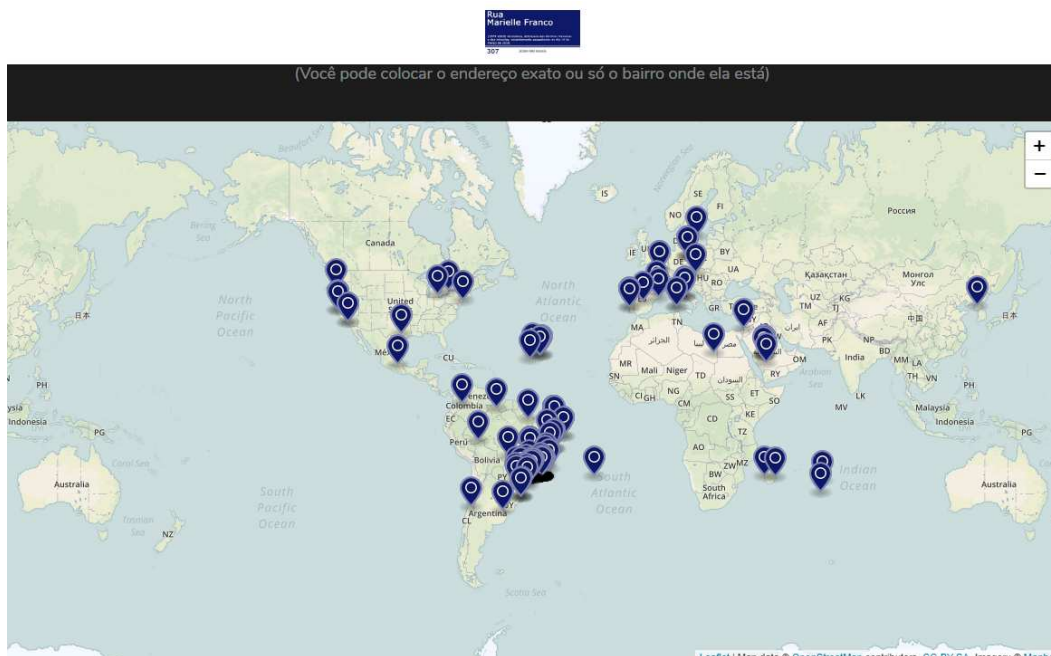
Fonte: Site florescer por Marielle.

Marielle virou também nome de rua. A primeira placa com seu nome foi colocada, em forma de homenagem, na Praça da Cinelândia, local onde fica a Câmara de Vereadores, espaço político que era ocupado por Marielle antes de ser assassinada.

Durante a disputa eleitoral de 2018, o candidato a Deputado Estadual pelo Rio de Janeiro, Rodrigo Amorim, postou uma foto em sua conta numa Rede Social Digital destruindo uma homenagem a Marielle Franco. Em sua postagem, Rodrigo comemorou o ato de quebrar ao meio uma placa de nome de rua onde se lia Rua Marielle Franco.

Em resposta ao ato, o site Sensacionalista lançou uma campanha de financiamento coletivo, com o objetivo de produzir 1.000 novas placas, que foram distribuídas na Cinelândia. Após o financiamento, foi criado o site colaborativo Rua Marielle Franco, com o objetivo de mapear os locais em que as placas foram colocadas. Nele consta que mais 18.000 placas foram produzidas e espalhadas pelo mundo.

Figura 17– Sementes de Marielle Franco



Fonte: Site Rua Marielle Franco.

Marielle teve sua vida reduzida no que diz respeito à importância de sua atuação pública, por conta dos discursos de ódio contra elas nas Redes Sociais

Digitais. Após realizarmos a análise dos comentários, concluímos que a vereadora sofreu duas execuções: a primeira como vítima das balas que causaram a sua morte física e a segunda, por meio das redes sociais digitais, de pessoas que tentaram apagar ou desqualificar o seu legado.

Após analisarmos os comentários nas perguntas “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e “Quem matou Marielle? E por quê?”, concluímos que mesmo após a morte física de Marielle Franco, iniciou-se uma tentativa de apagamento de suas ideias e lutas. A intenção, em muitos comentários mapeados era interligar a morte da vereadora com o crime organizado do Rio de Janeiro.

O discurso de ódio que ataca diversos setores da sociedade, produzindo preconceito, induz as pessoas a intolerância, inferiorizando e criminalizando mulheres, negros e favelados. O ódio aos negros, às mulheres, aos direitos humanos. O ódio às comunidades carentes, às favelas, à cultura popular. O ódio à esquerda e à luta por ela defendida. O ódio matou Marielle Franco.

Concluímos que o ódio que tirou a vida de Marielle Franco foi causado por séculos de racismo, que ganhou fôlego com o crescimento da crise política. A liberdade de expressão, é reivindicada como justificativa para espalhar os discursos de ódio nos comentários mapeados. Liberdade de expressão é um dos direitos fundamentais do ser humano. A constituição Federal brasileira da garantia a esse ato. Já o discurso de ódio é crime.

Demorou 363 dias para que a primeira pergunta de Eliane Brum, que cobra uma solução para o assassinato da vereadora diariamente fosse respondida. No dia 12 de março de 2019 foram presos pelo assassinato da vereadora o policial militar reformado Ronnie Lessa e o ex-PM Élcio de Queiroz. Infelizmente ainda há uma pergunta sem resposta: Quem mandou matar? E por quê? Os motivos serão revelados, mas uma resposta é certa, o ódio ao que Marielle Franco representava.

Essa constatação pode ser referendada pelo volume de comentários depreciativos, de diferentes formas, identificados no nosso levantamento. Dos 213 posts incluídos na amostra, 110 continham algum tom de ódio. Destacam-se os 77 que designamos como “deslegitimação/contrapontos com outros crimes”. Esse tom odioso fica mais agudo na categoria “Bolsominion”, modo

que, nas redes, passou a se designar os seguidores mais ferrenhos do presidente Jair Bolsonaro, que totalizaram 19 comentários. Junto a isso, 8 comentários expressam ofensas diretas à jornalista Eliane Brum.

Nessas manifestações de ódio, destacam-se aquilo que se entende como marcadores sociais das diferenças. Expressões ou frases que desqualificam Marielle no tocante a gênero, raça e sexualidade ganharam forma nesses comentários.

Eliane Brum, rigorosamente, tal qual um jornal diário que sai de domingo a domingo, questiona nas primeiras horas do dia as perguntas que muitos querem calar e muitos outros não lembram mais. Ao perguntar “Quem mandou matar Marielle e Anderson?” e quem “Quem matou Marielle? E por quê?”, a jornalista destaca os que os marcadores sociais da diferença, que têm produzido desigualdades de gênero, raça e sexualidade estão presentes.

Quando for descoberto e revelado os verdadeiros mandantes do assassinato de Marielle Franco, e por quê, não será apenas mais um crime elucidado. É a atual fase do Brasil que poderá revelada em meio a todo o seu espantoso horror. Mas os mandantes, e os verdadeiros motivos só serão revelados se continuarmos a perguntar “Quem mandou matar Marielle? E por quê?”

Eliane de fato faz valer a ética e papel social do jornalista exigindo o direito do cidadão à informação.

Eliane Brum Insiste! Resiste e Persiste!

Marielle Franco está presente!

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A epistemologia. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. O Segundo sexo – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980. Disponível em: < <http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>> Acesso em: 10 Dez. 2019.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu (26)**, janeiro-junho de 2006: pp.329-376. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 12 Dez. 2019.
- BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0**: Como sobreviver e prosperar, 2007. Tradução: Carlos Castilho. Disponível em < https://knightcenter.utexas.edu/Jornalismo_20.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- BRUM, Eliane. **A Vida que Ninguém Vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- _____. A boçalidade do mal. Site El País Brasil. 02 março 2015. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/02/opinion/1425304702_871738.html>. Acesso em: 05 Jan. 2020.
- _____. Como enfrentar o sangue dos dias. Site El País Brasil. 26 MAR 2018. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/26/politica/1522080125_945009.html>. Acesso em: 10 Junh. 2019.
- _____. Três histórias reais e uma despedida. Site Revista Época. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/09/tres-historias-reais-e-uma-despedida.html>>. Acesso em: 08. Jan. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. ESTUDOS AVANÇADOS 17 (49), 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>> Acesso em: 20 Jun. 2019.
- CARVALHO, Claudia Cristina Ferreira. Vulnerabilidades Interseccionais – Gênero, Classe, Raça Etnicidade: Para Além Delas É Possível Educar Em Direitos Humanos? **Educação em Revista**. SP. v. 20 (2019): Edição Especial
- CARDOZO, Loures Missila. **Twitter: Microblog e Rede Social**. Caderno.com – Vol.4 – Nº 2- 2º semestre de 2009.
- CASTRO, Ricardo Dias. Nós queremos reitores negros, saca?: trajetórias de universitários negros de classe média na UFMG. Dissertação (Mestrado em

Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CASTRO, Ricardo Dias de; BORGES, Claudia Andréa Mayorga. A CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA ANTIRRACISTA OU SOBRE QUANDO SUJEITO E OBJETO (SE) PESQUISAM. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. 24, p. 339-365, fev. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/447>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. PARÁGRAFO. JAN/JUN. 2017 V.5, N.1 (2017) - ISSN: 2317-4919. Tradução Bianca Santana.

COSTA, A. M. N. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 18(2), 193–202.

DOS SANTOS, Francisco Coelho; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. *Rev. bras. Ci. Soc.* vol.29 no.85 São Paulo June 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092014000200005>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

FANON, Frantz. A experiência do vivido. In: _____. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. *Cadernos pagu* (23). Julho-dezembro de 2004, pp.199-228.

FIRMINO, Fernando. “Moblogs e microblogs: jornalismo e mobilidade” in *Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação*. Momento Editorial, 2009.

FERREIRA, Gerson Luiz Scheidweiler. O paradoxo do controle nas redes sociais online. 2013. 117 f. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FLEURY, Sônia; OUVERNEY, Assis Luiz Mafort. *Gestão de redes: a estratégia de regionalização da política de saúde*. Rio de Janeiro: FGV; 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. Páginas 89-95 do livro *Tem saída? Ensaio crítico sobre o Brasil*. Disponível em: <<http://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Capitulo-MarielleFranco.pdf>>. Acesso em: 10 Dez. 2019.

HENN, Ronaldo; HOEHR, Kellen; BERWANGER, Gabriela. Transformações do acontecimento nas redes sociais: das mobilizações contra a homofobia à crise de dupla sertaneja. **Brazilian Journalism Research**, v.8, n.1, p.100-117, 2012. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/392>>.

HENN, Ronaldo; DE OLIVEIRA, Felipe Moura. Jornalismo e movimento em rede: a emergência de uma crise sistêmica. Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 22, n. 3, julho, agosto e setembro de 2015. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20560>> Acesso em 16 abril 2019.

HENN, Ronaldo Cesar; PILZ, Jonas; MACHADO, Felipe Viero Kolinski. Celebração do casamento igualitário e homofobia nas redes digitais: #LoveWins na disputa de sentidos oriundos da apropriação da Havaianas. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v.21, n.1, jan./abr. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Luan/Downloads/1400-Texto%20do%20artigo-6789-1-10-20180426.pdf>>.

_____. **O universo da pauta. In: Pauta e Notícia.** Uma abordagem semiótica. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.

_____. **Apontamentos sobre o ciberacontecimento: o caso Amanda Tood.** Trabalho apresentado na XXII COMPÓS, Salvador, 2013.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo, Editora Aleph, 2006.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism.[*]** tradução livre do texto originalmente publicado em inglês na página oficial da autora. Disponível em: <<http://www.bibliotecadocomum.org/items/show/82>>. Acesso em 10 Dez 2019. Tradução: Quianga, Anne Caroline: Preta, Nerd e Burning Hell. Racy, Sonia: Estadão, 2017.

LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência: Corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Cadernos de Gênero e Diversidade.** Vol 04, N. 02 - Abr. - Jun., 2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>>. Acessado em: 10 Nov. 2019

MARQUES DE MELO, José. **Formatos jornalísticos: evidências brasileiras.** Pesquisa realizada no jornal "Folha de São Paulo", 28/03/2005. 2006a. (Original do autor).

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação.** Ciência da Informação, v.30, n.1, p.71-81, jan./abr. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

MONTEIRO, Simone Souza; VILELA, Wilza Vieira; SOARES, Priscila da Silva. É inerente ao ser humano! A naturalização das hierarquias sociais frente às expressões de preconceito e discriminação na perspectiva juvenil. *Physis: Revista de Saúde Coletiva. Versão On-line* ISSN 1809-4481. vol.24 no.2 Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01033312014000200421&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 set. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar narrativas? In: LADEIRA MOTA, Célia; MOTTA, Luiz Gonzaga e CUNHA, Maria Jandyra (orgs). *Narrativas midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NUNES; Aline Vieira de Lima; CANINO, Leoncio. ATITUDE POLÍTICO-IDEOLÓGICA E INSERÇÃO SOCIAL: FATORES PSICOSSOCIAIS DO PRECONCEITO RACIAL. *Revista Psicologia & Sociedade*, vol. 23, núm. 1, enero-abril, 2011, pp. 135-143. Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326567023> Acesso em: 10 set. 2019.

ORIHUELA, Jose Luis. **Twitter y el Boom del Microbloggin**. Portal Educar, Buenos Aires, 2007. Disponível em <<http://portal.educ.ar/debates/educacionytic/super-sitios/twitter-y-el-boomdel-microblo.php>>. Acesso em: 14 mar.2019.

PARKER, Geoffrey G.; ALSTYNE, Marshall W. Van; CHOUDARY, Sangeet P. *Plataforma – A Revolução da Estratégia*. Barueri: HSM, 2016.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós*, Brasília, vol. 9, 2007. Disponível em: < <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153>> Acesso em: 25 Out. 2019.

REBS, Rebeca Recuero. **Dos lugares urbanos das Cidades aos Lugares Virtuais do Ciberespaço**: A reprodução e/ou apropriação das práticas de sociabilidade do futebol. Artigo apresentado no SLACTIONS - *Research conference in the Second Life@: world Life, imagination, and work using metaverse platforms*, em Setembro de 2009 (versão em inglês).

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre. Sulina. 2009.

_____. A conversação como apropriação na comunicação mediada por computador. In: Dulcilia Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). *Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo*. 1ed.Sao Paulo: Almedina, 2012, v. 1, p. 259-274. [Versão rascunho/draft] [Documento WWW] URL

_____. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso [internet]**. 2014. p.114-124. Disponível em:

- <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)
- RINCÓN, Omar. Narrativas mediáticas. Barcelona: Gedisa, 2006.
- SAFKO, L.; BRAKE, D. K. **A Bíblia da mídia social: táticas, ferramentas e estratégias para Construir e transformar negócios**. Tradução James Gama. São Paulo: Blucher, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. Da Cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, nº 22, p. 23-32. dezo 2003. Porto Alegre.
- SANTOS, Anna Carolina do Amaral; GOMES, Karine do Prado Ferreira. **Ecos de Marielle Franco: Uma análise do seu poder e do lugar de fala**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia - GO – 22 a 24/05/2019.
- SEIXAS, Fábio. Micro-blogging. In: SPYER, Juliano (Org.). Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Organizador: Juliano Spyer @jasper Ano de publicação: 2009. Disponível em: <http://stoa.usp.br/oerworkshop/files/1333/7925/Para+entender+a+Internet.pdf> Acesso em: 22 fev. 2019.
- SILVA, Ana Célia da. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: CEAO, CED, 1995.
- SILVA, Cristiane Rubim Manzina; TESSAROLO, Felipe Maciel. Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataforma de Mídia. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2019.
- SILVEIRA, Juliana. **ANÁLISE DISCURSIVA DA HASHTAG #ONAGAGNÉ: ENTRE A ESTRUTURA E O ACONTECIMENTO**. Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013. Trabalho apresentado no VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>> Acesso em: 19 mar.2019
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do Jornalismo*. Chapecó/Florianópolis: Argos/Letras Contemporâneas, 2002, pp. 11-113.
- SOUZA, Renata. O feminicídio político de Marielle Franco. [Entrevista concedida ao] site do El País Brasil. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/14/politica/1552562116_307529.html>. Acesso em: 12 Jan. 2020.

STEFFENS, Ana Carolina Antunes. **A REVOLUÇÃO DA GUCCI: MODA DE LUXO E INSTAGRAM NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CRIATIVA**. Orientador: Sandra Portella Montardo. 2019. Dissertação (Mestrado) - Acadêmica, Novo Hamburgo, 2019. f. 125. Disponível em: <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000019/000019de.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

TEIXEIRA, Sérgio Henrique. Pensando a interseccionalidade a partir da vida e morte de Marielle Franco. *Dignidade Re-Vista*, v. 4, n 7, julho 2019.

VAN DJICK, José. *The culture of connectivity: a critical history of social media*. New York: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VIGOYA, Mara Viveros. La interseccionalidad: una aproximación situada a la Dominación. **Revista Debate Feminista**. Volume 52, Outubro de 2016, páginas 1-17. Disponível em: <http://www.debatefeminista.pueg.unam.mx/wp-content/uploads/2016/12/articulos/052_01.pdf>. Acesso em: 10 Dez. 2019.

ZAGO, Gabriela da Silva. **O Twitter como Suporte para Produção e Difusão de Conteúdos Jornalísticos**. Pelotas, 2008. Disponível em: <www.scribd.com/doc/5887184/O-Twitter-comosuporte-para-producao-e-difusao-de-conteudos-jornalisticos>. Acesso em: 20 mar. 2019.

APENDICE A – QUADRI 1 – 08 DE ABRIL DE 2018 – 25 DIAS

QUADRO 1 - Sentidos gerados a partir das interações dos usuários na pergunta “Quem mandou matar Marielle e Anderson”

08 de abril de 2018– 25 dias

Tuites	Sentidos gerados
Num país onde apenas 8% dos homicídios são solucionados fica difícil ter esperança.	Incredulidade
Quem mandou matar Celso Daniel? 16 anos	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Assassinaram outra mulher, mas era branca, loira, de olhos claros, hétero e PM, sem nenhuma “representatividade” que justifique qualquer indignação nacional.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Porque a morte de uma policial tem menos importância? Você usa o mimimi como palanque. Qualquer morte deve ser vista com indignação. Querem todos iguais mas não fazem por merecer.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Desconfio que os mesmos que mandaram prender o Lula	Ironia
Nao sei. Mas torço pra que descubram. Quem matou Celso Daniel? 135646763464 dias	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Outros tantos policiais mortos como estão seus familiares...	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Cadê os direitos humanos?	Ironia reacionária
Quem matou Celso Daniel e o Toninho do PT	Deslegitimação / Contraponto

	com outros crimes
Ela não é melhor que ninguém. Todos os crimes devem ser investigados igualmente... isso se chama democracia.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
E os policiais mortos todos os dias, para manter o Brasil em segurança?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem matou Celso Daniel, 16 anos.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Fique sabendo que so oito por cento dos homicidios no Brasil sao solucionados. A chance portanto e muito grande desse tambem nao ser	Incredulidade
Em Goiânia o H1N1 esta matando muito e nada das autoridades	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Acho que será mais um caso sem explicação, pois tem peixe grande por trás desse absurdo	Milícia
Os mesmos que querem matar o Lula	Ironia
Eu acho que foi a milícia	Milícia
Quem matou Celso Daniel? 16 anos	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
O ASSASSINO MORA ALI AO LADO "Disfarçados de pessoas de bem, ocultam o que realmente são: seres calculistas, manipuladores e insensíveis aos sentimentos alheios. Eles são os psicopatas, uma ameaça real e silenciosa. Esvaziados de emoção."	Comoção
Virará apenas estatística. Mais um crime sem solução.	Incredulidade
Quem matou Celso Daniel	Deslegitimação / Contraponto

	com outros crimes
Quem matou o pai de família de 28 anos que estava com o filho no colo? Quem matou a mãe de família que estava indo pro trabalho? Isso não interessa né, interessa descobrir quem matou essa merda de ex vereadora... foda-se Marielle. Foi a milícia	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quanto tempo tem a morte do Celso Daniel? Porque vocês não cobram justiça pra ele também? Ah a cúpula que manipula vocês não quer né!!!!	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Anote mais alguns nomes: Toninho do PT (prefeito de Campinas, 2001) e Celso Daniel (prefeito de Santo André, 2002, também do PT). Ambos assassinados	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Os mesmos que mataram o Tim Lopes talvez?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
No início eu suspeitei que o próprio Anderson tivesse haver com o caso, visto que eles sabiam toda a rota dela. Como ele era novo na função, poderia ter contatos com criminosos, vai saber! A morte dele seria queima de arquivo. Tinham 3 pessoas. Eles queriam ela, então pq ele tb?	Suposição
Quem é Marielle?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Pois é, a única preocupação é com o molusco ladrão, os inocentes não tem vez	Ironia
Todos sabem, mas o silêncio vale a impunidade.	Suposição
Até não disseram quem mandou matar Celso Daniel e todas as testemunhas do caso.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

quem matou centenas que morrem todo dia.... me ajuda ai	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
O pessoal da esquerda já esqueceu a Marielle, agora eles estão preocupados é com o cardápio do São Lula na prisão. Quanto ao Anderson, eles nunca se preocuparam com ele, citavam-no pra não pegar mal!	Suposição
Quem matou Toninho do PT? Quem matou Celso Daniel? Mais de uma década e meia.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
A polícia prendeu cento e cassetada milicianos esse final de semana. Nenhum comentário?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem matou Toninho do PT? Quem matou Celso Daniel? Quem matou o ex-prefeito de Ourolandia-Ba?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
EU sou porque NÓS SOMOS...	Comoção
Aposto que foi alguém do @PsolOficial por ciúmes	Suposição
Em Curitiba ontem houve uma agressão covarde de policiais com balas de borracha e gás contra militantes que apenas cantavam e gritavam palavras de ordem. Aí a imprensa que reclama de hostilidades, não tem a decência de divulgar o corrido conforme os fatos. Como exigir respeito?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Foi o Caralho da puta que pariu	Ofensa à jornalista
O Anderson não foi morto por que queriam mata-lo, foi por estar trabalhando pra ela... aliás, algum socialista está ajudando a familia do Anderson?!?!	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
A puta que te pariu... crime resolvido	Ofensa à jornalista
Q cobrança mais idiota. Se ainda ã acharam os mandantes e executores pqu ã é fácil menina. Calma.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

Tudo indica que tem grande possibilidade de ser Milicianos ou Traficantes, veja o que a polícia prendeu de bandidos ontem fazendo festas. O Pessoal da intervenção está fazendo um belo trabalho em um ambiente que o inimigo não tem cara	Milícia
Quem mandou matar ao CELSO DANIEL? Quem mandou matar ao TONINHO DO PT? Varios anos e petistas... não contando...	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Os mesmos que matam milhões de crianças e policiais...e com certeza tem mais de 25 dias e ninguém descobre nada.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Foi a milícia	Milícia

Fonte: Conta no Twitter da jornalista Eliane Brum

No dia 08 de abril foram analisados 46 comentários feitos por usuários na pergunta feita pela jornalista Eliane Brum.

APENDICE B – QUADRO 2 – 09 DE ABRIL DE 2018 – 26 DIAS

QUADRO 2 - Sentidos gerados a partir das interações dos usuários na pergunta “Quem mandou matar Marielle e Anderson”

09 de abril de 2018 – 26 dias

Tuites	Sentidos gerados
Quem mandou matar Celso Daniel 16 anos	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Precisa e deve ser esclarecido! Assim como as tragédias de mais de 15 anos que o governo PT não teve interesse em desvendar: os assassinatos, tidos como queima de arquivo, dos prefeitos Celso Daniel e Toninho	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem matou a carreira política do Lula? Repondo: ele mesmo, os seus asseclas e você. Parabéns... 2 dias rsrs.	Ironia reacionária
Acho que todos os funkeiros que ela exaltava ou os bandidos que defendia.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
E a PM catarinense? Ou as centenas de pms mortos por ano?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem mandou matar Celso Daniel. 16 anos.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
No caso da vereadora alegam cautela. No caso da sujeira no prédio da Ministra do supremo já levantaram suspeito, placas dos veículos. Esse negócio de vandalismo é foda.	Ironia
Quem matou Odete Roitman? Nem sei quantos anos.	Ironia
Nunca saberemos! Os executores foram	Incredulidade

possivelmente assassinados e os mandantes e as motivações jamais serão reveladas. Eu não acredito	
Foi mesmo que mandou matar o líder comunitário Alexandre Pereira, colaborador do vereador Marcello Siciliano (PHS)	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem usa Tributos, diariamente, para me matar, há muitos anos, e ainda segue impunemente?	Ironia reacionária
27 dias!	Comoção
Quem é Marielle?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Até quando ficaremos sem resposta?	Indagação
ñ sei, mas a testemunha em potencial já morreu	Incredulidade
vi a notícia e tô com muito medo. queima de arquivo sem nem disfarçar...	Incredulidade
Quem mandou matar o cérebro dos esquerdistas?	Ironia reacionária
Olhe... ainda não sabemos. Mas considerando que os assassinos não foram presos em flagrante, mesmo que descubram quem são, eles só poderão ser presos depois de condenação em segundo grau. E se a manobra para salvar o Lula der certo, só depois do trânsito em julgado no STF.	Incredulidade
Alguém próximo, que sabia de sua rotina e tinha interesses políticos?	Suposição
Mas já todos sabemos foi falado em voz alta foi a PM foi a PM disse o pessoal na manifestação no largo da carioca	Milícia
Quem mandou matar os 60 mil brasileiros mortos	Deslegitimação / Contraponto com

todos os anos em “tempos de paz”?	outros crimes
Deve ser a puta q te pariu	Ofensa à jornalista
Foda-se	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Vish...espera sentada e sem segurar a respiração. Brasil aguarda a descoberta do assassino de Celso Daniel tem tempo	Incredulidade

Fonte: Conta no Twitter da jornalista Eliane Brum

No dia 09 de abril foram analisados 24 comentários feitos por usuários na pergunta feita pela jornalista Eliane Brum.

APENDICE C – QUADRO 3 – 10 DE ABRIL DE 2018 – 27 DIAS**QUADRO 3 - Sentidos gerados a partir das interações dos usuários na pergunta “Quem mandou matar Marielle e Anderson”****10 de abril de 2018 – 27 dias**

Tuites	Sentidos gerados
Quem mandou matar Celso Daniel	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Daqui a pouco, se bobear, não se lembram mais deles	Incredulidade
A violência no Rio. A milícia. Infelizmente como muitos outros que morrem todos os dias na cidade maravilhosa	Milícia
MST mata Boi, jagunço mata gente.	Ironia reacionária
“Isso n importa, eles prenderam Lula... Notícia velha, n vende mais jornal...” Agora acalma as coisas, Aécio, Temer, Renan, Juca e Cia soltos e a população anestesiada e já já tem copa... Se o Brasil ganhar ent... Pão e Circo mode ON!	Incredulidade
Onde está Amarildo? Quem não conhece vcs que os compre	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
A piada de INVESTIGAR vai longe... mas a cobrança é valida. Parabéns Eliane.	Incredulidade
Só nos espera a apuração correta né. Um crime político onde eles acharam MESMO que iam silenciar. Acho que tem muita coisa pra vir ainda	Incredulidade

Fonte: Conta no Twitter da jornalista Eliane Brum

No dia 10 de abril foram analisados 08 comentários dos usuários na pergunta feita pela jornalista Eliane Brum.

APENDICE D – QUADRO 4 – 11 DE ABRIL DE 2018 – 28 DIAS

QUADRO 4 – Sentidos gerados a partir das interações dos usuários na pergunta “Quem mandou matar Marielle e Anderson”

11 de abril de 2018 – 28 dias

Tuites	Sentidos gerados
<p>Brasil não tem essa cultura de desvendar casos misteriosos nos sabemos quem foi mais vai ficar por isso mesmo. Lembra do caso Celso Daniel nós sabemos que foi o PT que foi o mandante do crime mais ninguém fala mais não deu em nada infelizmente!</p>	<p>Deslegitimação / Contraponto com outros crimes</p>
<p>Todo mundo falou quando a Marielle morreu quem matou ou vcs não sabe e na época quando o Celso Daniel morreu todo mundo falou no PT a mando do crime simples.</p>	<p>Deslegitimação / Contraponto com outros crimes</p>
<p>A justiça é seletiva... E isso já falamos...Exemplo os casos ligados à políticos do PSDB que sempre prescrevem.... Contra o Lula foi em tempo recorde. Isso não se pode negar</p>	<p>Deslegitimação / Contraponto com outros crimes</p>
<p>Celso Daniel foi morto a 16 anos e até agora não sabemos quem o matou...</p>	<p>Deslegitimação / Contraponto com outros crimes</p>
<p>Quem matou os 60 mil o ano todo também</p>	<p>Deslegitimação / Contraponto com outros crimes</p>
<p>Não sei, mas tenho 99%9 de certeza que sei quem e o candidato em que o assassino vai votar para presidente.</p>	<p>Suposição</p>

Já acharam uma digital em uma das balas que atingiu ela, ué. Essa notícia inclusive é de ontem.	Indagação
Duvido alguém ser otimista sobre essa situação. Assassinato de possíveis testemunhas, o Brasil não é para iniciantes mesmo.	Incredulidade
Vai virar caso PC Farias e Celso Daniel até hoje histórias mal contadas	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
29 dias	Comoção
PMs e não vai ser resolvido justamente pq foi uma coisa ordenada pelo sistema	Incredulidade
A milícia. Caso resolvido. Próxima pergunta	Milícia
Debate sereno e lucido sobre o momento complexo e difícil que estamos atravessando.	Comoção
Milicianos apontados no relatório da CPI das milícias de 2008 ou militares do 41 batalhão	Milícia
Foram os mesmos q deram um golpe e prenderam o Lula. A direita brasileira e seus capangas. Sejam do judiciário ou das milícias.	Milícia
Milicianos apontados no relatório da CPI das milícias de 2008 ou militares do 41 batalhão	Milícia
Meu amor, vc vai botar a contagem todos os dias e nada será feito, eles não vão desvendar esse mistério nunca!	Incredulidade
Estão investigando.	Incredulidade

Fonte: Conta no Twitter da jornalista Eliane Brum

No dia 11 de abril foram analisados 16 comentários dos usuários na pergunta feita pela jornalista Eliane Brum.

APENDICE E – QUADRO 5 – 12 DE ABRIL DE 2018 – 29 DIAS

QUADRO 5 - Sentidos gerados a partir das interações dos usuários na pergunta “Quem mandou matar Marielle e Anderson”

12 de abril de 2018 – 29 dias

Tuites	Sentidos gerados
Quem naturaliza a morte de Marielle e do Anderson? A quem interessa o ocultamento da violência denunciada por ela?	Indagação
16 anos depois e não se sabe quem matou Celso Daniel.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Podemos tirar o cavalinho da chuva. Incumbir a polícia fluminense para descobrir é como colocar o bode pra tomar conta da horta. O caso da Dana de Tefé vai ser resolvido antes	Incredulidade
A polícia está enchendo linguiça enquanto estão queimando os arquivos vivos essa semana já foram dois abraçar o capeta... enquanto isso só enrolação	Incredulidade
Vai longe isso.	Incredulidade
Meu palpite! Foi alguém da elite.	Suposição
Estamos contando	Comoção
Muitos outros	Indagação
Eles não têm interesse de achar os culpados	Incredulidade
Com certeza uma vítima da sociedade branca e	Deslegitimação / Contraponto com

opressora.	outros crimes
Quem mandou matar Celso Daniel e mais 8 pessoas envolvidas no entorno?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
#MariellePresente #MariellePresente	Comoção
Tá cedo ainda Celso Daniel já faz década e ainda não descobriram	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem?	Indagação

Fonte: Conta no Twitter da jornalista Eliane Brum

No dia 12 de abril foram analisados 15 comentários dos usuários na pergunta feita pela jornalista Eliane Brum.

APENDICE F – QUADRO 6 – 13 DE ABRIL DE 2018 – 30 DIAS

QUADRO 6 - Sentidos gerados a partir das interações dos usuários na pergunta “Quem mandou matar Marielle e Anderson”

13 de abril de 2018 – 30 dias

Tuites	Sentidos gerados
Um mês... e até agora, nada. Não podemos deixar que acabe virando mais um caso igual ao do Amarildo	Comoção
Celso Daniel foi morto a 16 anos e até agora não sabemos quem o matou...	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Sugiro a utilização da hastag #MarielleFranco para maior alcance.	Comoção
Até hoje não sabemos!	Incredulidade
Levando-se em conta que 95% dos casos não são resolvidos, a impunidade da desigualdade	Incredulidade
@lulapeloBrasil	Suposição
A primeira vista, podemos pensar que seja a impunidade. Mas, não consigo me convencer de que a causa de qualquer coisa no Brasil seja a impunidade. Ela é consequência. Existe uma causa primeira: O Poder. A impunidade so existe pq favorecer a alguém, a quem esta no Poder.	Incredulidade
Muitos pais de família morreram, muitos policiais	Deslegitimação / Contraponto com

morreram e até hoje não sabemos os assassinos deles	outros crimes
Sergio Cabral. Morte por indução.	Ironia
Quando descobrirem, os adorados da maconha e de bandidos terão uma surpresa.	Ironia reacionária
Chega a dar preguiça, toda vez vem um tonto perguntar do Celso Daniel. Tem 16 anos que ele morreu, alguém teve a ideia de usar a morte dele para desmerecer a investigação da morte da Marielle. Sobre o caso Celso Daniel, perguntem para a polícia de SP, não para a do RJ.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Com a estória da prisão do Lula ninguém nem fala nisso mais quem mandou mata foi o próprio ladrões do Senado.	Suposição
E o Celso Daniel	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Os próprios ladroes do Senado.	Suposição
Quem matou Carlos Iofredo 1 ano sem solução. Quem matou Marcos José dos Santos são mais de 18 anos. O que ela tem de melhor que os anônimos que morrem todos os dias?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

Fonte: Conta no Twitter da jornalista Eliane Brum

No dia 13 de abril foram analisados 15 comentários feitos por usuários na pergunta feita pela jornalista Eliane Brum.

APENDICE G – QUADRO 7 – 12 MARÇO DE 2019 018 – 30 DIAS

QUADRO 7 - Sentidos gerados a partir das interações dos usuários na pergunta “Quem mandou Marielle? Porque?”

12 de março de 2019 - 364 dias

Tuites	Sentidos gerados
Queremos saber: quem pagou Adelio, militante do PSOL?	Bolsominion
Um ano, um ano pra tu poder respirar e trocar o texto para o próximo passo. Uma das pessoas mais firmes na cobrança por respostas, que orgulho.	Comoção
Eliane, parabéns pela tenacidade inspiradora. Seguiremos firmes até que tudo seja esclarecido.	Comoção
Quem é Marilene?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quer dizer que um dos envolvidos na morte de Marielle era vizinho do coiso?!	Suposição
Eu tenho vizinhos retardados que falam "coiso", "elenao", "bozo" etc., nem por isso a deficiência cerebral deles é contagiosa.	Ironia
Essa é a pergunta de um milhão de dólares!	Ironia
Grande dia, Eliane! Mas teremos um melhor ainda!	Comoção

Queremos saber quem mandou matar o presidente.	Bolsominion
Nova ladainha. Afffff	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Será que teria algo a ver com aquela situação onde ele disse que não visitaria o filho na papuda? Acho que não. Tem um intervalo grande, entretanto é estranho em vista de tudo o que vem acontecendo	Suposição
Ufa, até que enfim a guerreira @brumelianebrum pode trocar, ou pelo menos decotar o seu brado de luta. Vamos todos juntos gritar: quem mandou matar Marielle? Por culpa de quem morreu Anderson?	Comoção
Quem mandou matar Bolsonaro??	Bolsominion
Foi só a Marielle que morreu???	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem é Marielle?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Eu quero saber também quem mandou executar a Juíza Patrícia Alcioli!!!	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
E também queremos saber quem mandou matar @jairbolsonaro ????	Bolsominion
Porque todo mundo já sabe, porque incomodou o sistema. Quem falta descobrir.	Incredulidade
E não esqueça que queremos saber quem pagou Adélio.	Bolsominion
Estamos a mercê do banditismo mafioso de estado miliciano abalizado pela cúpula mercenária dos poderes, um caso clássico de descalabro	Milícia

generalizado a serviço da guerra híbrida da geopolítica de dominação...-!!-	
Quem mandou matar Eduardo Campos ?!! Quem mandou matar a juíza Patrícia Acioli?!!	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Que bom que já Encontraram quem à matou..agora vcs podem ajudar com quem tentou matar @FernandoHoliday	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Acho q vamos ter q esperar o carnaval. em uma manifestação gigante em vários pontos desse país, cobrando essa resposta. #QuemMandouMatarMarielleeAnderson	Comoção
O porquê é fácil demais. É só olhar a trajetória dela.	Suposição
#MilicianosNoPlanalto	Milícia
Nem conhecia. Quem mandou matar Bolsonaro?	Bolsominion
1 dia quem mandou matar mariele e por que srsr, vamos ver quanto tempo vai passar!	Comoção
Os jornas têm lado	Suposição
Esse negócio de mandante aqui no Brasil é complicado. É tiro é facada!!! Esqueceu de dizer 1 dia, a contagem começou.	Comoção
#MiliciaNoPoder	Milícia
Aqueles primeiros audios, em q o cara chama a Marielle desrespeitosamente de "piranha do Freixo". Mostram a Marielle mabdabdo recados pra milicianos deubar as pessoas da comunidade em paz. Parece q ela contrariou alguém. Por isso acho mais q injusto acusarem o presidente .	Suposição

Já sabemos quem puxou o gatilho. Mas quem deu a ordem? Quem mandou matar Marielle?	Comoção
Você sabe, @jairbolsonaro? Talvez um dos seus filhos?	Suposição
Ela tava denunciando esquema de grilagem de terras na periferia e a execução de negros argumentando serem bandidos pra tomarem a casa pra vender, ou seja ela declarou guerra contra a milícia carioca e não deu outra.	Suposição
O perigo é acontecer o que aconteceu no caso Celso Daniel nos governos anteriores, onde 10 testemunhas do crime acabaram morrendo misteriosamente. Será ?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
O PT... Porque ela estava desvendando as terras griladas pelo @GuilhermeBoulos e @MST_Oficial, ambos ligados ao @ptbrasil, onde tais ações tinham a ver com as fazendas do @LulaOficial	Suposição
Não bem. Com casa de 5 milhões e todas essas execuções premeditadas nas costas, na da pra ressocializar. Mas merecem tratamento digno. Infelizmente.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Prenderam os assassinos hoje.	Comoção
A Marielle bateu a e frente com criminosos. O crime não perdoa.	Suposição
Tô de saco cheio desse negócio de Mariele. Mariele é o meu zovo. Virem o disco porra.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Esse assunto tá chato pra caralho... Não me interessa quem matou mariele... Eu desculpo ele... Pronto.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

Próximo assunto	
Pelo amor de Deus mulher!!!! aguarda o processo!!!! para de fazer mídia no twitter q não vai descobrir nada por aqui!!!!	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Este eh um caso de hominicidio.	Milícia
Queremos saber quem mandou matar Jair Bolsonaro e por que.	Bolsominion
Será mais um doente mental como Adélio Bispo?	Suposição
A polícia só vai descobrir se você postar isso todos os dias. Não desista!!!!	Comoção
Quem mandou matar Celso Daniel e as sete testemunhas. Gostaria que os jornalistas investigassem.	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Queremos saber quem mandou matar @jairbolsonaro, Marielle foi queima de arquivo, estava envolvida com narcotraficantes. Quer apostar.	Bolsominion
Calma. Eles são apenas acusados suspeitos do crime. Falta provar. Calma. Continue ainda nas outras perguntas até provarem. Não ponha a carroça na frente dos bois. Parece até que sabe de tudo. Estranho.	Comoção
Quem mandou dar a fakada em Bolsonaro?	Bolsominion
E o Zé da Padoca? Celso Daniel? Maria do Bairro?! Cadê ?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
essa questão pode levar até 4 anos para ser respondida	Incredulidade

O porquê todo mundo sabe, especificamente quem? Ninguém sabe mas se aguardamos pela justiça do estado essa nunca vira, ficará na história dos tribunais e pesquisas e sairá à luz daqui a 50 anos quando pouco.	Incredulidade
Aproveita e vê quem mandou da a facada em bolsonaro e pq...	Bolsominion
Pergunta lá na Estação Primeira de Mangueira, lá é cheio de bicheiros e milicianos!!!	Ironia reacionária
Qm mandou matr Bolsonaro? Qm pg os advogados do adelio? Aqui onde moro tem milicia. Isso faz de mim miliciana? Acorda!	Bolsominion
Queremos saber: OS ASSASSINOS DE MARIELLE PODERAO PASSAR O NATAL COM SUAS FAMILIAS? SAIR PARA ENTERROS?	Indagação
Uma dúvida, Marcelo Freixo desfilou em escola de Samba, de um Meleciano pode, morar no mesmo condomínio que um Miliciano, não pode?	Suposição
Mas vão pra pqp que coisa mais chata . Vão se fude.	Ofensa à jornalista
Ela foi morta por bandidos, a mando de bandidos, pq defendia bandidos. Caralho, os gados estão se esforçando.	Suposição
Quem mandou matar o virtual Presidente da República, em setembro?	Bolsominion
Para os Abutres, basta ã agrada-los.. #PorTodasNós #LavaJatoRoubaOBrasil #QuemMandouMatarMarielle	Comoção
Engraçado!. Faz muito tempo que mataram o Celso Daniel!. Vcs da imprensa não fala mais nada, não	Deslegitimação / Contraponto com

vejo essa comoção. Quem foi Marielle. Nunca fez nada pelo Brasil...	outros crimes
Quem é marielle?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
E o presidente vc não quer saber quem mandou matar ele! So responde , haha vai caçar uma trouxa de roupa para lavar aliás todos nos queremos saber não e so vc não..	Ofensa à jornalista
Queremos saber ! - Quem mandou matar Bolsonaro e por que? - Quem banca os advogados de Adélio e por que? - A quem Adélio visitou na câmara e para que?	Bolsominion
Queremos saber quem mandou matar Bolsonaro e por quê.	Bolsominion
Acho que o ex dela... Ele se sentia acuado com seu femimachismo.	Suposição
Pelos mesmos motivos que mataram Celso Daniel e o Toninho do PT!!	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Ninguém nem sabia quem era esse troço de Marielle.	Deslegitimação / Contraponto com outros Crimes
Quem mandou matar o Bolsonaro? Ou essa é sua única dúvida? Ah se matou a Marielle mesmo tem que ser preso não tô defendendo assassino não, porém se essa for a sua única dúvida vc esta	Bolsominion
Foi o Michael Jackson, vc não ficou sabendo? Agora porque vc vai ter que ir na PF perguntar	Ironia reacionária
Entra na fila, tem o caso PC Farias, Celso Daniel, Teori Zavaski, Executivos da vale, tem o mandante da facada, tem os tiros no onibus da comitiva do Lula. E	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

tem muito mais.	
E quem mandou matar Bolsonaro e pq? Quem paga os advogados do Adélio?	Bolsominion
Porra que troço chato esse papo de Marielle hein	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Quem mandaria matar uma vereadora desconhecida?	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Já dei instrução pra pegar um atestado com o psiquiatra do adelio. Aí fica tudo como dantes, afinal foi só mais uma pra estatística ../ a investigação vai pra Celso Daniel	Ironia
A dúvida é... vão aceitar a realidade?	Indagação
Pela ordem de envergadura do cargo, quem mandou matar um candidato à presidência, hoje presidente? Depois sim, vamos para a Marielle aí	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes
Aproveita e vê também quem matou Celso Daniel e mandou matar Bolsonaro...já mata todas as perguntas..	Bolsominion
Vergonha na cara nadinha? Curti ai que ela vai pipocando o defunto pra cima e pipoca o defunto pra baixo... Vai curtindo ai... pipoca o defunto pra cima...	Ofensa à jornalista
UMA PERGUNTINHA...QUEM MATOU MARIELLE É BANDIDO OU VITIMA DA SOCIEDADE????	Indagação
E quem mandou matar BOlsonaro ? E por quê?	Bolsominion
Eu tmb quero saber quem mandou matar Maria , Joana, Francisca e todas outras assassinadas vc sabe? @brumelianebrum muitas outras morreram	Deslegitimação / Contraponto com outros crimes

antes de Mariele e como fica ?	
Como o Rio de Janeiro é pequeno, deve ser muita coincidência um dos Milicianos, suspeito de Matar Marielle e Anderson, morar no mesmo Condomínio de luxo que @jairbolsonaro	Ironia
Vc já pediu xícara de açúcar para o vizinho? Tem gente que pede outra coisa..	Suposição
Alguém da direção da mangueira associado com a milícia???	Suposição

Fonte: Dados coletados pelo autor

No dia 12 de março foram analisados 89 comentários dos usuários na pergunta feita pela jornalista Eliane Brum.